ACCIDENTAL PAULO PAULO PA

PROG NOS TICO

ANO AGRICOLA 1972/73



INSTITUTO DE ECONOMIA AGRICOLA



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO SECRETARIA DA AGRICULTURA

SECRETARIA DA AGRICULTURA

INSTITUTO DE ECONOMIA

AGRÍCOLA

Rua Anchieta, 41 - 10º andar

Caixa Postal 8083

APRESENTAÇÃO

Ao início de cada ano agrícola, os agricultores tomam decisões sobre a operação de suas empresas. O presente documento apresenta elementos de compara - ção de ordem técnica e econômica para orientar uma opção mais eficiente e rentável por parte do empresário rural.

Trata-se de iniciativa pioneira no Brasil, que se enquadra nas Diretrizes Gerais de Atuação da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, consubstanciadas no documento "Desenvolvimento Agricola: Um Grande Desafio" lançado em junho último pelo Governador Laudo Natel.

Uma das prioridades fundamentais daquele documento, o programa "Melho-, ría da Eficiência de Operação da Empresa Agricola" implica na melhor gestão da empresa, com o uso racional de todos os fatores de produção.

A combinação das explorações e a proporção em que devem ser combinados os recursos produtivos passam por profundas transformações de um ano para outro. Para ajustar-se a esse dinamismo do negócio agrícola, o agricultor necessita além da adoção das modernas práticas agrícolas, um melhor conhecimento dos mercados de produtos e de fatores, bem como das questões de política agrícola relacionadas, por exemplo, ao crédito, aos preços mínimos e aos impostos. A maior utilização de informações técnicas e econômicas poderá contribuir para a melhoria do processo de tomada de decisões sobre o quê, quanto e como produzir.

Atualmente, do ponto de vista pratico, e ainda deficiente a divulgação de dados e informes econômicos ao nível da empresa agrícola. Daí porque o Instituto de Economia Agrícola desta Secretaria elaborou o presente documento, "Prognostico-Ano Agrícola 1972/73".

Essencialmente, o documento tem por finalidade divulgar conhecimentos econômicos para alcançar um maior número de empresarios agrícolas, através do trabalho da CATI, completando-se assim o binômio técnica-economia, nesta fase em que levando em conta a regionalização da assistência técnica, aquele órgão procura marcar de forma agressiva sua presença no meio rural.

Por seu caráter pioneiro entre nos e dada a natureza aleatória de alguns problemas analisados, este trabalho apresenta ainda muitas limitações que so com o tempo poderão ser corrigidas. Ainda assim, cabe registrar a importân cia de seu proposito e o marco que ele estabelece na divulgação mais ampla e coordenada das variáveis econômicas para maior acerto das decisões na agricultura.

Certamente, com o contínuo aperfeiçoamento nos futuros Prognósticos, a Secretaria da Agricultura contará, ao início de cada ano agrícola, com valioso instrumento para o melhor desempenho do seu papel.

Agosto de 1972

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA

The Stay Of

PROGN OSTICO - ANO AGRÍCOLA 1972/73

I N D I C E

1	INTRODUÇÃO	1-1
2 .	- VALOR DA FRODUÇÃO AGRÍCOLA	2-1
3 -	- RESULTADO ECONOMICO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS EM 1971/72 E ESTIMATIVA DE CUSTO)
	OPERACIONAL PARA 1972/73	3-1
4	- PROJEÇÕES DE DEMANDA E DE OFERTA PARA O ANO AGRÍCOLA 1972/73	4-1
5 -	- ANALISE DE MERCADO DE PRODUTOS	5-1
	5.1- Algodão	
	5.2- Amendoim	-
	5.3- Arroz	
	5.4- Batata	
	5.5- Café	
	5.6- Cana-de-açucar	5-17
	5.7- Cebola	5-20
	5.8- Feijao	5-21
	Laranja	5-24
	5.10- Mandioca	5-26
	5.11- Milho	5-29
	5.12- Soja	5-35
	5.13- Tomate	5 - 41
	5.14- Aves	5 - 46
	5.15- Ovos	5-49
	5.16- Pecuaria de Corte	5-52
	5.17- Pecuaria Leiteira	5-5,7
6 -	- MERCADOS DE FATORES	6-1
	6.1~ Panorama Internacional	
	6.1.1- Fertilizantes	
	6.1.2- Tratores	
	6.1.3- Defensivos	6-2
	6.2- Situação Interna	6-2
	6.2.1- Fertilizantes	6-2
	6.2.2- Tratores	
	6.2.3- Defensivos	
	6.2.4- Sementes	
	6.3- Terra	
	6.4- Hāo-de-obra	
		6-23
7 -	INFORMAÇÕES DE POLÍTICA AGRÍCOLA	7 – 1
	7.1- Crédito Agricola e Tributação	
	7.2- Preços Mínimos para 1972/73	
	-	



PROGNÓSTICO-ANO AGRÍCOLA 1972/73

Instituto de Economia Agricola

1 - INTRODUÇÃO

A economia paulista, assim como a brasileira, apresentou in tenso ritmo de atividade no primeiro semestre de 1972. De um modo geral, o nível dos investimentos públicos e privados, o volume das exportações e o comportamento do setor agrícola muito têm contribuido para as altas taxas de crescimento que em muitos casos deverão superar as observadas no ano passado, acelerando assim o desenvolvimento global de nosso Estado.

Resultado bastante positivo vem sendo alcançado no controle à inflação, cuja evolução até 1971 e projeções para o bienio
1972-73 (feitas pelo Governo Federal) são apreciadas na figura 1.1.

Mesmo que as projeções de 15% e 13% para 1972 e 1973, respectivamen te, não sejam plenamente confirmadas, a tendência dos últimos anos e
os resultados do primeiro semestre de 1972 são animadores e permiti rão - por certo - que os empresários paulistas, em geral, e agrícolas,
em particular, possam programar seus investimentos futuros com menor
margem de êrro.

O custo de vida em São Paulo cresceu 9,13% até junho de 1972, quando em igual período do ano passado esse crescimento alcan - çou 12,61%. A alimentação que repetidas vezes foi o componente do índice de custo de vida a registrar as taxas mais elevadas, no presente ano acusou crescimento de apenas 7,89% até junho. Os demais componentes apresentaram as seguintes taxas: habitação, 12,41%, despesas pessoais, 11,22%, transporte,3,10%, vestuário,3,31%; saude, 15,40%; edu cação, 13,50%.

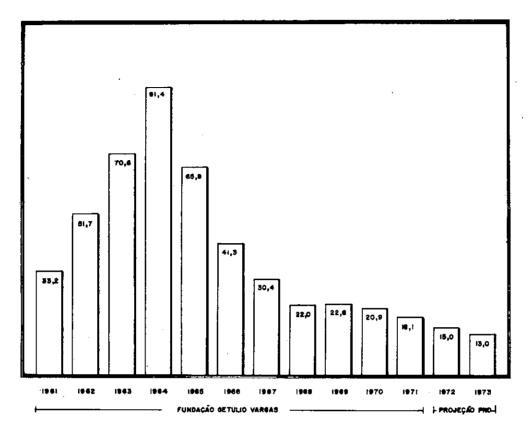


FIGURA 1.1. - Evolução Porcentual da Inflação no Brasil, 1961-73.

No setor industrial, os dados disponíveis até maio sobre o volume físico da produção vêm confirmando uma expansão significativa em quase todos os ramos de atividade, quando comparados com os de identico período de 1971. Assim, por exemplo, enquanto a produção de aço em lingote cresceu 13,6%, as de ferro gusa, laminados, automoveis e tratores puderam registrar aumentos ainda mais expressivos, com as taxas de 16,1%, 27,1%, 30,2% e 46,7% respectivamente.

Ainda no setor industrial o nível geral de emprego em janeiro a maio superou em 6,9% o índice do mesmo período de 1971. As industrias que mostraram maior dinamismo foram a quimica e farmaceutica (+ 13,9%) fiação e tecelagem (+ 9,8%), alimentação (+ 8,0%) e construção e mobiliário (+ 7,0%). Uma das industrias que mostrou menor índice de emprego foi a de vestuário, inferior em 3% à media do período correspondente no ano passado.

No setor agrícola, embora os dados referentes ao ano agrícola 1971/72 não sejam ainda definitivos, espera-se que esta safra seja a melhor dos últimos 6 anos.



2 - VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Considerado globalmente, o setor agrícola da economia paulista vem apresentando desempenho condizente com o objetivo geral de desenvolvimento economico, ou seja, proporcionar maiores níveis de renda e bem-estar social à população.

No quadro 2.1 pode ser avaliado o valor da produção de 21 dos principais produtos da agricultura paulista em 1971 e 1972, produtos esses responsáveis por aproximadamente 85% do valor global.

Enquanto o índice da produção total do setor crescia ao redor de 5% em 1970/71, este ano espera-se uma taxa de 6% apesar da redução ciclica verificada no café. Excluindo-se a rubiacea, o crescimento poderá alcançar o expressivo índice de 16% e, analisando por grupo de produtos, as materias-primas para indústria poderão superar a taxa de 15%, seguindo-se os alimentos de origem vegetal com 13% e os de origem animal, em ritmo mais lento, com 6%.

A preços correntes, a renda gerada por esses produtos subiu de 8 bilhões de cruzeiros em 1971 para estimativamente 10 bilhões em 1972, ou seja, de mais ou menos 26% no agregado e de 32% omitindo o café.

Por outro lado, espera-se que em 1972 o ganho real na renda desses produtos seja superior a 8% no total e da ordem de 13,5% sem o café. Se efetivamente confirmadas, essas taxas estarão acelerando o crescimento da agricultura.

Ha que se notar que dos 21 produtos, so a batata e o café deverão apresentar relativamente a 1971 redução em sua renda monetária, ao mesmo tempo em que arroz, laranja, cana, carne bovina, milho, tomate e soja deverão ter renda significativamente maior. A pecuária (especialmente a carne bovina) deverá experimentar ganhos superio res aos da lavoura. É que a oferta desses produtos não estaria acompanhando de perto o crescimento da procura e daí a tendência de alta

mais acentuada nos seus preços.

Apesar desses indicadores favoraveis, a agricultura em São Paulo apresenta ainda uma serie de problemas graves entre os quais merecem destaque: o baixo nível de tecnificação de determinados produtos, as disparidades regionais de renda e emprego, a falta de infraestrutura em determinados setores e regiões e a mã distribuição da renda.

Para fazer frente a esses problemas o Governo Estadual vem desenvolvendo programas prioritários de ação, tendo para esse fim adotado como opções básicas de política agrícola a ampliação dos mercados interno e externo e o desenvolvimento tecnológico do setor.

QUADRO 2.1. - Valor da Produção de 21 dos Principais Produtos na Agricultura Paulista, 1971 e 1972

Produto		ntidade .000t)	Pre (Cr\$/ur		Va (Cr\$ 1.	lor 000,00)
	1971	1972	1971	1972(¹)	1971	1972(2)
Café beneficiado	648,0	432,0	135,00	200,00/sc60	1.458.000.00	1.439.256.0
Carne bovina	440,0	497,0	43,00	53,00/ @	1.261.348,00	1.756.050,0
Cana	38.300,0	15.000,0	24,50	29,17/t	938.350,00	1.312.650.0
Leite (milhões 1)	1.711,0	1.800,0	0,391	0,47/1	669.001.00	846.000,0
Milho	2.760,0	3.240,0	14,30	15,00/sc60	657.708.00	810.000,0
Algodão em caroço	668,0	710,0(2)	14,25	17,53/ ന	634.600.00	829.756.0
Ovos (milhões dz)	3 45,0	337,0	1,39	1,50/dz	479.550,00	505.500,0
Amendoim	637,5	675,0	15,28	14,36/sc25	389.640.00	387.720,0
Laranja	1.840,0	2.332,0	6,30	7,00/cx40	289.800,00	408.100,0
Arroz em casca	348,0	690,0	41,80	43,16/sc60	2 42 . 452 ,00	496.617.0
Mandioca	1.630.0	1.760,0	98,00(³)	120,00/t (³)	159.740,00	211.200.0
Batata .	438,0	438,0	21,96	21,00/sc60	160.308,00	153.300.0
Tomate	478,0	422,5(⁴)	0,327(⁵)	0,410/kg(⁵)	156.589,00	173.225,0
Carne suina	88,6	88,6	34,00	48,00/ බ	200.830.00	283.520,0
Feijão	138,0	153,0	58,05	64,81/sc60	133.515.00	165.271,0
Banana	427,2	486,7	128,00	120,00/t	54.682.00	58.404,0
Soja	93,6	210,0	32,00	34,01/sc60	49.917,00	119.028.0
Cebola	54,0	74,8	29,00	29,00/sc45	34.798,00	48.201,0
Mamona	52,5	63,5	25,50	32,42/ac50	26.775,00	41.173.0
Casulo	2,5	3,3	5,96	10,50/kg	14.900,00	34.650,0
Chā verde	20,0	20,0	0,36	0,442/kg	7.120,00	8.840,0
Valor total da produção)				8.019.623,00	10.088.461,00
Valor total da produção	sem café				6.561.623.00	8.649.205,00
Valor real da produção	(⁶)				8.019.623,00	8.696.949,0
Valor real da produção	sem cafe (6)				6.561.623,00	7.456.211.00

⁽¹⁾ Estimativa provisória.

^{(&}lt;sup>2</sup>) Prevendo quebra da produção em relação à 4a. Previsão de Safras = 814.500t.

⁽³⁾ Preço medio ponderado - mesa = 230,00 (25%) e industrial = 85,00 (75%).

⁽⁴⁾ Prevendo quebra da produção em relação à 4a. Previsão de Safras = 504.000t.

⁽⁵⁾ Preço médio ponderado - mesa e industrial.

⁽⁶⁾ Admitindo-se inflação de 16%. Valor real - Valor corrente : 1,16.

3 - RESULTADO ECONÔMICO PRODUTOS AGRICOLAS EM 1971 E ESTIMATIVA DE CUSTO OPERACIONAL

3 - RESULTADO EUNOMICO E ESTIMATIVA DE CUSTO OPERACIONAL

3 - RESULTADO ECONÔMICO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS EM 1971/72 E ESTIMATIVA DE CUSTO OPERACIONAL PARA 1972/73

Os resultados econômicos das principais culturas do Estado em 1971/72 (por unidade de produto e de área) são apresentados nos quadros 3.1, 3.2 e 3.3.

Para as estimativas de custo operacional, a mão-de-obra foi calculada na base do salário mínimo com o valor da diária de Cr\$8,21. No custo diário das máquinas e equipamentos computou-se uma reserva para sua reposição (depreciação).

iubtraindo-se da receita (com base no preço médio recebido pelos agricultores) o custo operacional, obtem-se o resíduo ou receita líquida que se destina à remuneração dos fatores de produção. Natural mente, as estimativas de custo e resíduo feitas pelo IEA são valores m-dios e, na realidade, os agricultores paulistas deverão utilizá-los principalmente como indicadores complementares no processo de tomada de decisões para o ano agrícola 1972/73.

Entre as atividades selecionadas em 1971/72, os produtos modernos (laranja, batata, tomate, algodão, soja e cana-de-açucar) apresentaram de um modo geral melhores resultados por unidade de área que os producos em transição e tradicionais. No grupo de produtos em transição (café, milho, cebola, mandioca, amendoim e banana), cebola e mandioca tiveram maior destaque, enquanto entre os tradicionais (ar roz e feijão) as condições climáticas e de mercado favoráveis que prevaleceram na safra tiveram maior influência sobre c arroz.

No caso particular do café, o custo foi calculado para quatro níveis de produtividade. A rubiácea apresentou resíduos positivos para 75, 56 e 38 sacos em côco (40kg) por mil pés; para o caso de 19 sacos em côco sêco o resíduo foi negativo. Nas estimativas de custo no quadro 3.2, o contrôle à ferrugem não está incluido. Isto, porque no ano agrícola 1971/72 essa prática não tinha sido adotada ainda pelos cafeicultores, face a propria evolução da molestia.

Em seguida, estimativas de custo operacional (por hectare e por unidade de produto) são também apresentadas no quadro 3.4 para o ano agrícola 1972/73. Por certo, esses dados são indicadores mais objetivos dos encargos reais que deverão incidir sobre cada atividade agrícola. Nessas estimativas, a mao-de-obra foi calculada tomando-se o novo salário mínimo como base, com o custo diário de Cr\$ 10,00. No custo diário de máquinas foram considerados combustível, lubrificantes e reparos (10% do valor). A depreciação foi computada em item específico para se obter melhor apreciação da estrutura de gastos.

Finalmente, os quadros 3.5, 3.6, 3.7 e 3.8 sintetizam estima tivas preliminares das despesas no controle químico à ferrugem do cafe eiro. De acordo com a orientação técnica da Secretaria da Agricultura, essa importante prática cultural deverá merecer toda a atenção dos cafeicultores no próximo ano agrícola.

QUADRO 3-1. - Estimativa de Renda e Custo de uma Unidade Simples de Produção em Diferentes Atividades Agricolas, Estado de São Paulo, Safra 1971/72 (em cruzeiros)

(em crusers)

	D	Custo operacional(1)								
Atividade	- Receita Média	Māo-de- obra	Anima 1	Mãquinas e equipamen- tos		Adubo	Defensivo	Cutros	Total	Receita líquida p/unidade
Alg odā6(TA) (Lr\$/@)	17,94(2)	6,41	0,62	0,27	0,35	1,51	1,72	-	10,68	7,06
Algodão (1M) (Cr\$/@)	17,94(2)	5,27	0,08	2,05	0,36	1,33	. 1,51	-	10,60	7,34
Amendoim (TA) (Lr\$/sc 25kg)	14,67(2)	4,46	0,49	0,05	2,56	1,59	0,88	-	10,63	4,64
Arroz sequeiro (TA) (Cr\$/sc 60kg)	41,72(2)	13,90	1,60	· · · . –	1,28	3,55	1,45	1,38	23,66	18,00
Banana de varzea (CM)(3) (Cr\$/cacno)	1,55(4)	0,65	-	0,62	-	0,29	0,07	<u>_</u> ;	1,03	0,52
Banana de varzea (CT)(3) (Cr\$/cacho)	1,55(4)	0,80		. +	-	=	•	-	0,80	0,75
Batata (TA) (⁵) (tr\$/sc)	22,69(6)	2,96	0,50		6,45	1,90	0,67	2,00	14,46	ა,21
Batata (TM) (⁵) (Cr\$/sc)	22,69(6)	1,41	0,01	1,25	7,05	1,86	0,41	2,00	13,99	6,70
Cana-de-açucar (TNA) (Cr\$/t)	24,60(⁷)	10,87	0,09	1,91	0,54	. 2,91	0,23	7.	16,55	8,05
Cebola (TM) (Cr\$/sc 45kg)	34,84(4)	δ,55	-	1,80	0,45	2,70	0,45	1,80	15,75	19,09
Feijão (TA) (Cr\$/sc 60kg)	63,62(²)	14,37	2,28	-	6,00	5,91	-	1,66	30,44	33,10
Laranja-custeio (Cr\$/caixa)	7,25(4)	ú,31	-	0,46	-	0,88	0,26	-	1,91	5,34
Mandioca (Cri/t)	94,60(⁴)	24,40	1,00	υ,40	2,00	5,40	0,60	-	33,80	60,80
Milho (TA) (Cr\$/sc b0kg)	15,93(2)	6,60	1,06	-	0,42	4,05	-	1,88	14,07	1,66
Milho(TM) (Crā/sc 60kg)	15,93(2)	3,93	-	3,74	0,35	3,37	-	1,88	13,27	2,66
Soja (TA) (Cr\$/sc 60kg)	33,58(²)	6,27	1,53	-	2,10	2,65	2,30	1,50	18,35	15,23
Soja (TM) (Cra/sc bOkg)	33,58(2)	2,77	0,14	4,83	1,89	3,70	0,57	1,42	15,32	18,26
Tomate rasteiro (TA) (Cr\$/kg)	0,160(8)	0,038	0,003	-	0,002	0,025	0,018	-	0,086	0,074
Tomate rasteiro (TM) (Cr\$/kg)	0,160(8)	0,034	-	0,014	0,002	0,025	0,024		0,099	0,061

l) no custo operacional incluiu-se depreciação de máquinas e equipamentos; TA = tração animal; TH = tração motomecanizada, TMA = tração motomecanizada e animal.

^{(&}lt;sup>2</sup>) Valor medio de preços recebidos nas diferentes regiões do Estado no periodo da safra de 1972.

⁽³⁾ bados de custeio do bananal (LM = com uso de técnicas modernas, LT = cultura tradicional).

⁽⁴⁾ Valor medio de preços recebidos nas diferentes regiões do Estado no período de junho de 1971 a maio de 1972.

^{(&}lt;sup>5</sup>) Batata das aguas - tração animal na região de Divinolandia e tração motomecanizada na região de Ibiuna.

^{(6) :} preço recebico pelo produtor se refere a media dos preços na satra: dezembro de 1971, janeiro e fevereiro de 1972.

^{(&}lt;sup>7</sup>) Prêço do IAA para a safra 1971/72.

⁽⁸⁾ Prêço médio recebido no mês de junho de 1972.

QUADRO 3.2. - Estimativa de Renda e Custo da Cultura de Café, de uma Unidade Simples de Produção (saco) Estado de São Paulo, Safra 1971/72

	Nível d	e produtivi	dade por	1.000 cova:
Cafe beneficiado sc 60kg	2.5	18,7	12,5	6,3
Café côco sêco sc 40kg	75	56	38	19
A - Receita média	163,45	163,45	163,45	163,45
B - Custo operacional		1		
Mão-de-obra	15,46	19,06	22,20	32,31
Animal	0,50	0,49	0,44	0,49
Maquinas e equipamentos	0,06	0,08	0,12	0,12
Sementes e mudas	0,08	0,16	0,32	0,0
Adubo	6,00	5,03	5,14	0,0
Defensivo	0,48	0,64	0,95	0,95
Administração	1,04	1,39	2,05	4,08
Despesas gerais	2,26	2,54	2,92	3,39
Depreciação do capital	2,79	3,74	4,87	8,98
Juros s/capital circulan	te <u>2,18</u>	2,46	2,83	3,29
Por sc côco sêco	30,85	35,59	41,84	53,61
Por 3 sc côco sêco	92,55	106,77	125,52	160,83
Beneficiamento	12,28	12,28	12,28	12,28
Total	104,83	119,05	137,80	173,11
C - Receita Liquida para r <u>e</u>				
munerar os fatôres fi-				
xos (A-B)	58,62	44,40	25,65	-9,66

QUADRO 3.3. - Resultado Econômico por Hectare em Diferentes Atividades Agrícolas, Estado de São Paulo, Safra 1971/72

(em cruzeiros)

	Rendi	mento (¹)	Preço (²)	Receita Total(³)	Custo (4)	Receita (5)
Atividade	por ha	unidade		por na	Operacional por ha	Liquida por ha
Algodão (TA)	91	<u>ඉ</u>	17,94	1.632,54	990,08	642,46
Algodão (TM)	103	ବ	17,94	1.847,82	1.091,80	756,02
Amendoim (TA)	103	sc25kg	14,67	1.511,01	1.033,09	477,92
Arroz sequeiro (TA)	31	sc60kg	41,72	1.293,32	733,46	559,86
Banana varzea (CM)	950	cachos	1,55	1.472,50	978,50	494,00
Banana varzea (CT)	558	cachos	1,55	864,90	446,40	418,5(
Batata (TA)	207	s c	22,69	4.696,83	2.997,36	1.699,47
Batata (TM)	372	8 C	22,69	8.440,68	5.204,28	3.236,40
Cana-de-açucar (TMA)	49,58	t	24,60	1.219,67	820,55	399,12
Cebola (TM)	222	sc45kg	34,84	7.734,48	3.496,50	4.237,98
Feijão (TA)	17	sc60kg	63,62	1.081,54	517,48	564,06
Laranja em produção	500	СX	7,25	3.625,00	955,00	2.670,00
Mandioca (TA)	29	t	94,60	2.743,40	980,20	1,763,20
Milho (TA)	41	sc60kg	15,93	653,13	576,87	76,26
Milho (TM)	50	sc60kg	15,93	796,50	663,50	133,00
Soja (TA)	30	sc60kg	33,58	1.007,40	550,50	456,90
Soja (TM)	33	sc60kg	33,58	1.108,14	505,56	602,58
Tomate rasteiro (TA)	12.397	kg	0,16	1.983,52	1.066,14	917,38
Tomate rasteiro (TM)	14.877	kg	0,16	2.380,32	1.472,82	907,50

⁽¹⁾ Rendimentos médios por hectare em cada nível de tecnologia: TA = tração animal, TM = tração motomecanizada, CM = com uso de técnicas modernas, CT = cultura tradicional.

⁽²⁾ Prêço medio constante do quadro 3.1 na coluna receita media.

⁽³⁾ Receita total * rendimento por hectare x prêço.

⁽⁴⁾ Custo operacional por hectare tomando-se o custo operacional total do quadro 3.1. multiplicado pelo rendimento por hectare.

⁽⁵⁾ Receita líquida por hectare = Receita total - Custo operacional.

QUADRO 3. . - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Duídade Simples de Produção de Diferentes Culturas, Estado de São Paulo, Safra 1972/73

(em enneiros)

Atividade		tividade estimada unidada	a obra	Sementes e Mudas	Adubo	Defensivo	Cutros	Deprecia- ção (¹)	Custo por Sectare	Custo por unidade produzida
Algodão (TA)	91	ด	693,75	35,52	165,11	169,63	54,38	27,97	1.146,36	12,59
Algodão (TM)	103	a	318,30	42,11	165,11	169,63	495,18	91,57	1.281,90	12,45
Amendoim (TA)	103	sc25kg	543,71	300,00	199,85	70,45	41,69	14,43	1.170,13	11,30
Arroz sequeiro (TA)	31	sc60kg	524,80	44,88	132,75	42,00	114,53	11,51	870,47	28,06
Bansos varzes (CM)	950	cacho	743,90	-	388,25	74,95	15,31	15,66	1.238,07	1,31
Banaua varzea (CT)	558	cacho	541,40	-	-	-	-	-	541,40	ο,97
Banana morro (CM)	847	cacho	772,80	488,13	71,38	-	23,01	23,54	1.378,86	1,63
Banana morro (CT)	517	cacho	603,30	_	_	-	-		603,30	1,17
Banara serra (CT)	517	cacho	644,60	-	-	-	122,03	90,88	857,51	1,67
Batata agoas (TMA)	372	sc60kg	639,60	2.980,04	878,80	170,24	1.058,34	169,64	5.896,66	15,66
Batata aguas (TAB)	207	sc60kg	743,80	1.188,00	534,49	129,12	448,57	28,99	3.072,97	14,85
Lafe formação (1.000 covas)	Plantío	_	474,16	300,00	146,24	-	291,55	32,40	1.244,35	1,24
Cafe (2) (1.000 covas)	25	sc60kg	1.309,60	6,00	501,00	40,80	327,75	266,97	2.452,12	111,59
Cafe (2) " "	18	sc60kg	1.197,68	9,00	314,00	40,80	288,82	244,49	2.094,79	125,75
(afc (2) " "	12,5	sc60kg	954,76	12,00	270,00	40,80	192,11	211,14	1.680,81	146,21
café (2) " "	6,3	sc60kg	680,00	_	_	20,40	186,06	158,65	1.045,11	178,55
Cana-de-açucar (TM)	49,58	t	569,56	43,38	151,00	2,19	257,59	148,65 ³	1.172,40	23,65
Cebola (TMA)	10.000	kg	2.340,00	107,18	719,00	93,36	651,15	149,77	4.060,46	0,40
feijão (TA)	17	sc60kg	289,50	112,22	121,35	-	71,25	12,44	606,76	35,69
Feijac (TM)	19	ac60kg	184,70	112,22	140,97	_	163,98	59,59	661,46	34,82
Laranja formação	Plantio	200 pēs	268,50	517,00	153,53	39,46	238,15	125,03	1.341,68	6,81
Laranja produção	500	cx -	196,00	_	247,64	130,70	198,71	106,00	879,05	1,76
Namona (TA)	1,653	kg	330.60	11,28	135,88	_	24,12	4,42	506,30	0,31
Mandicca (TA)	29	t	665,40	10,00	189,75	19,25	199,52	10,94	1.094,86	37,75
Milbe (TA)	41	ac60kg	287,20	19,95	202,95	-	172,49	8,73	691,32	16,86
Milno (TM)	5 G	sc60kg	179,70	19,95	202,95		-	71,44	797,61	15,95
Soja (TA)	30	sc60kg	297,50	70,06	95.95		89.31	13,20	630,45	21,01
Soja (TMA)	33	sc60kg	110,30	70,06	146,46	18,42	187,79	•	598,42	18,13
Tomate chao (TM)	14.877	kg	641.50	28.08	507,17	·-	186,34		1.824,79	0,12
Tomate chao (TA)	12.397	kg	636,00	28,08	412,40	236,21	26,37	•	1.353,10	0,10
Tomate envarada (TM) Santa Cruz	1.715	-	8.192,30	14,79	10.124,06	•	12.098,16	•	31.718,41	18,49
Tomate envarado (aquí (TM)	930	cx	7.861,30	29,22	3.918,48	1.098,09	10.074,94	72,78	23.054,81	24,79

⁽¹⁾ Depreciação somente do capital em máquinas e animais com exceção das culturas de cana-de-açucar e café onde se tem também a depreciação do capital em benfeitorias.

⁽²⁾ Não estão incluidas as despesas referentes ao controle químico da ferrugem.
Sobre o assunto ver quadros 3.5%, 3.6%, 3.7% e 3.8%.
(3) Na depreciação da cana-de-açucar inclui-se também juros sôbre o capital circulante no montante de Cr\$ 32,16/ha e 0,65/t.

OBS: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; CM = cultura com uso de técnicas modernas; CT = cultura tradicional; TMA = tração mecanizada e animal; TAH = tração animal e manual.

QUADRO 3.5. - Despesas na Pulverização do Cafeeiro em Formação, com Pulverizador Costal Motorizado, em Função de Diferentes Números de Aplicação por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo, 1972 (1)

Número de Aplicações por ano	Quantidade de Fungicida (kg/vez/ 1.000 covas)	Despesas Operacionais de Aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida(2) (Cr\$/ano)	Total de despesas por 1.000 covas (Cr\$/ano)
	4	168,24	197,92	366,16
4	5	168,24	2 43 , 40	411,64
	6	168,24	288,88	457,12
	4	210,30	247,40	457,70
. دُ	5	210,30	304,25	514,55
	6	210,30	361,10	571,40
	4	252,36	296,88	549,24
6	5	252.36	365,10	617,40
	6	252,36	433,32	685,68
	4	294,42	3 46 ,36	640,78
7	5	294,42	425,95	720,37
	6	294,42	505,54	799,96

⁽¹⁾ Calculado com base nos prêços vigentes em maio de 1972.

⁽²⁾ Inclui também o valor do espalhante adesivo. O preço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 11,37/kg (preço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxicloreto de cobre 50%).

QUADRO 3.6. - Despesas na Pulverização do Cafeeiro Adulto, com Pulverizador Costal Motorizado, em Função de Diferentes Números de Aplicações por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo, 1972(1)

Número de aplicações por ano	Quantidade de fungicida (kg/vez/ 1.000 covas)	Despesas operacionais de aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida(²) (Cr\$/ano)	Total de despesas por 1.000 covas (Cr\$/ano)
	4	460,92	197,92	658,84
4	. 5	460,92	243,40	704,32
	6	460,92	288,88	749,80
	4	576,15	2 47 , 40	823,55
5	5	576,15	304,25	880,40
	6	576,15	361,10	937,25
	4	691,38	296,88	988,26
6	5	691,38	365,10	1.056,48
	6	691,38	433,32	1.124,70
	4	806,61	3 46 , 36	1.152,97
7 .	. 5	806,61	425,95	1,232,56
	6	806,61	505,54	1,312,15

⁽¹⁾ Calculado com base nos preços vigentes em maio de 1972.

⁽²⁾ Inclui também o valor do espalhante adesivo. O preço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 11,37/kg (preço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxicloreto de cobre 50%).

QUADRO 3.7. - Despesas na Pulverização de Cafeeiros Adultos, com Pulverizador Tracionado a Animal ou Microtrator, em Função de Diferentes Números de Aplicações por Ano e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo, 1972(1)

Número de Aplicações por ano	Quantidade de fungicida (kg/vez/ 1.000 covas)	Despesas Operacionais de Aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida(²) (Cr\$/ano)	Total de despesas por 1.000 covas (Cr\$/ano)
	4	192,24	197,92	390,16
4	5	192,24	243,40	435,64
	6	192,24	288,88	481,12
	4	240,30	247,40	487,70
5	5	240,30	304,25	544,55
	6	240,30	361,10	601,40
	4	288,36	296,88	585,24
6	5	288,36	365,10	653,46
. ,	6	288,36	433,32	721,68
	4	336,42	3 46 ,36	682,78
7	5	336,42	425,95	762,37
	6	336,42	505,54	841,96

⁽¹⁾ Calculado com base nos preços vigentes em maio de 1972.

⁽²⁾ Inclui também o valor do espalhante adesivo. O prêço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 11,37/kg (prêço à vista, sem desconto de quantidade, para o oxicloreto de cobre 50%).

QUADRO 3.8. - Despesas na Pulverização de Cafeeiro Adulto, com Pulverização de Diferentes Números de Aplicações e Diferentes Doses de Fungicida, Estado de São Paulo, 1972(1)

Número de Aplicações por ano	Quantidade de Fungicida (kg/vez/ 1.000 covas)	Despesas Operacionais de Aplicação (Cr\$/ano)	Fungicida(²) (Cr\$/ano)	Total de despesas por 1.000 covas (Cr\$/ano)	
	1.000 COVAS	(014) 4110)			
	4	223,16	197,92	421,08	
4	5	223,16	243,40	466,50	
	6	223,16	288,88	512,04	
	4	278,95	2 47 , 40	526,35	
5	5	278,95	304,25	583,35	
	6	278,95	361,10	640,05	
	4	334,74	296,88	631,62	
6	5	334,74	365,10	699,84	
	6	334,74	433,32	767,06	
	4	390,53	3 46 ,36	736,83	
7	5	390,53	425,95	816,48	
	6	390,53	505,54	896,07	

⁽¹⁾ Calculado com base nos preços vigentes em maio de 1972.

⁽²⁾ Inclui também o valor do espalhante adesivo. O prêço considerado para o fungicida foi de Cr\$ 11,37/kg (prêço a vista, sem desconto de quantidade, para o oxicloreto de cobre 50%).

PROJEÇÕES

DE

DEMANDA

E DE

OFERTA

PARA- O

ANO AGRÍCOLA

1972/73

4- PROJEÇÕES

DE OFERTA

E PROCURA

No quadro 4.1 são sumarizados os dados sobre quantidades e valor de produção dos principais produtos agrícolas produzidos em S. Paulo. Neste trabalho procurou-se projetar a demanda e a oferta desses produtos, para o ano agrícola de 1972/73. As principais características da agricultura de São Paulo são a diversidade e a rápida transformação. Há várias tendência emergentes na produção dos referidos produtos, as quais tentou-se sumarizar, utilizando os dados históricos da Secretaria da Agricultura, apresentados em "Desenvolvimento da Agricultura Paulista".

Foram utilizados dois métodos de projeção de demanda, o primeiro tomando estimativas de consumo básico de bens a partir de um estudo de orçamento familiar realizado em 1967 (1). Desde que este estudo foi realizado na cidade de S.Paulo é provável que a renda média familiar fosse superior à renda média para o Estado naquela época. Portanto esses padrões de consumo proporcionariam uma projeção grosseira do consumo familiar do Estado no ano agrícola 1972/73, levando-se em conta que a renda "per-capita" tem crescido.

Multiplicando-se o consumo familiar pelo número estimado de famílias em S.Paulo, para 1972/73, obteve-se a estimativa da demanda desses produtos ao nível familiar. Aparentemente, este método forne - ceu resultados razoáveis para café, carne bovina, ovos, laranja, arroz, batata, banana, soja e cebola. Não forneceu, porém, bons resultados para cana leite, milho algodão mandioca e amendoim. A razão desses resultados inferiores para alguns dos produtos e obvia, uma vez que o estudo de orçamentos não inclui os usos industriais ou de

⁽¹⁾ Departamento Nacional de Salários, Pesquisa de Orçamentos Familia res - S.Paulo 1967; Rio de Janeiro, Ministério do Trabalho e Previdência Social. Este estudo inclui 669 famílias com um tamanho médio de 4,3 pessoas.

alimentação animal. Apresenta-se a seguir os resultados de demanda considerados aceitáveis pelo primeiro método juntamente com as respectivas projeções de oferta (quadro 4.1).

As exportações foram convertidas em equivalente no nível da produção e foram projetadas com base nos dados históricos de 1959 a 1971. Para vários produtos foi necessário realizar estimativas adicionais das exportações, através do Porto de Santos, originárias de outros estados além de São Paulo.

As projeções de oferta foram obtidas com o modelo de Nerlove, obtendo-se a área projetada para 1972/73, e multiplicando-se a mesma pela produtividade média dos últimos 5 anos, no caso da projeção "moderada" (S_1) . Alternativamente, na projeção "otimista" (S_2) multiplicou-se a área pela produtividade mais alta dos últimos cinco anos.

O intercâmbio doméstico líquido é um aspecto importante des sas projeções, pois talvez com exceção do café e cebola, indica a direção dos movimentos de trocas dos vários produtos dentro do Brasil. Para os produtos básicos de alimentação, tais como, arroz, batata e feijão, há substanciais importações originárias de outros estados.

A produção desses alimentos tem decrescido nos anos recentes, na medida em que os centros de produção orientados para o mercado de S.Paulo tem se deslocado de forma crescente para os estados vizinhos. Em S.Paulo, existem melhores usos alternativos para a terra. O mesmo pode ser dito com relação ao abate de animais, visto que mais da metade do consumo de carne, projetado, seria realizado com a produção de outros estados.

Para o café, a estabilidade das exportações e a demanda interna, continuamente crescente, significam um posterior declínio nos estoques, agravado recentemente pela ocorrência de geadas, principalmente no estado do Paraná onde já se estima uma quebra substancial em 1973.

Daí inclusive a razão da importância e atualidade do pla de renovação cafeeira, que prevê o plantio nacional de 600 milhões de covas nos próximos três anos.

A situação das oleaginosas é caracterizada pelos aumentos de produção de algodão e soja. O principal mercado para esses produtos é o externo. No caso do amendoim, tem o produto experimentado declinio no preço real e área nos anos recentes.

A cultura da soja é uma atividade de rápido crescimento no Estado desde meados da década de 60. O farelo é exportado para os crescentes mercados europeu e japonês, como alimento animal, e o oleo é vendido internamente. Uma pequena quantidade de grãos também é comercializada no mercado interno. As exportações de soja, aproximadamente 80% do desaparecimento total, tem mostrado uma forte tendência altista desde 1966, com substanciais flutuações anuais. A rápida expansão desta cultura levará provavelmente a custos de produção mais altos. A vantagem do Brasil devida à estacionalidade para exportação à Europa e Japão depende dos custos relativos de produção e dos custos de armazenamento nos Estados Unidos e em outros países do Hesmisfério Norte. O grau de vantagem estacional é destarte limitado pelos custos de armazenagem relativamente baixos, naqueles países.

Ovos e laranja são exportados para outros Estados em quantidades substanciais. No caso da laranja, esse movimento é superestimado, face a não inclusão do suco na demanda doméstica.

A produção de milho tem crescido rapidamente em São Paulo desde 1959, sendo sua maior utilização como ração animal nos mercados domesticos e de exportação, seguindo-se como matéria prima industrial.

O Brasil é, na atualidade, o segundo maior produtor de frutas citricas e o primeiro exportador de suco concentrado em todo o Mundo, sendo que mais de 50% das plantações brasileiras localizam-se em S.Paulo. A demanda total de exporcações tem crescido exponencialmente e a demanda doméstica tem apresentado uma taxa firme de 4,8%.

Tem-se verificado incrementos significativos de área com 102,6 mil hectares, em 1966 e 275 mil ha estimados em 1973. Os subs tanciais aumentos de área afetarão a produção nos próximos anos. As

QUADRO 4.1. - Projeções do Consumo, Exportações, Oferta e Intercâmbio Interestadual, Estado de São Paulo,
Ano Agrícola 1972/73

Produto	Consumo familiar em S.Paulo,	Consumo total	Exportação	de of	rnativas erta (³) .000t)	Intercâmbio doméstico líquido (1.000t) (4)	
	1972/73 (kg) (¹)	ção humana em S.Paulo (²) (1.000t)	(1.000t)	s ₁	s ₂	c/s ₁	c/s ₂
Café Carne bovina Ovos Laranja Arroz Batata Feijão Banana Soja Cebola	40 (9.3) 181 (421) 44 (16) 175 (40) 243 (565) 113 (263) 81 (186) 9 (21) 12 (28) 32 (34)	180 813 199 788(⁵) 1.094 507 ,363 41 57(⁶) 145	367 547 111 92 750 1338 - 94 133	427 480 448 2.500 450 420 136 423 227 55	472 2.750 663 443 161 454 278 71	-120 -444 249 962 -645 -105 -227 288 30 -90	-75 1.212 -431 -74 -202 319 81 -74

⁽¹⁾ As unidades são expressas em equivalentes ao nível da produção (equivalente - bruto).

^{(&}lt;sup>2</sup>) A população estimada para meados de 1973 foi de 19.388.000 habitantes com base em crescimento populacional de 3% ao ano.

⁽³⁾ S = area projetada x rendimento médio dos últimos 5 anos; S = area projetada x rendimento mais alto dos últimos cinco anos.

⁽⁴⁾ Produção - Exportação - Consumo do Estado = Intercâmbio Doméstico Líquido (Exportação para outros estados - Importação de outros estados + Acumulação de Estoque).

⁽⁵⁾ Não inclui suco. É de se esperar que o consumo doméstico esteja subestimado.

⁽⁶⁾ Notar que a exportação e a utilização doméstica são expressas em equivalentes. O farelo é exportado e o oleo é consumido internamente. Calculando-se a produção de oleo a partir da projeção da exportação de farelo por S.Paulo, chega-se a uma cifra de 38.000t.

exportações terão que manter um crescimento bastante rapido para evitar um declínio do preço real, quando essa produção adicional for disponível nos mercados.

O recentes declínio nas exportações de banana deveu-se principalmente às restrições de importação impostas pela Argentina e Uruguai. No momento, a perspectiva é de queda do preço real. Diversificação da produção, promoções de exportação e melhor controle de qualidade são muito necessários para manter, em níveis razoáveis, a renda dos bananicultores paulistas. Há substancial comércio interestadual.

A area com cebola tem-se mantido relativamente constante desde 1967, com substanciais variações nas colheitas. São Paulo produziu 27% da produção brasileira em 1971, continuando o Rio Grande do Sul a ser o produtor mais importante. Há um forte incremento na demanda interna de 4,2% a.a. Esta demanda paulista global deverá continuar excedendo a oferta projetada, com a consequente importação estacional de outros estados e talvez do exterior.

Para aqueles produtos, cuja falta de dados impediu o emprego da mesma técnica para estimar a demanda, introduziu-se o conceito de utilização ou desaparecimento interno. A produção em S.
Paulo, menos exportações, é igual à utilização interna. A utilização interna, mais importações e menos as exportações de ou para outros estados, é igual ao consumo do Estado.

Assim sendo, podemos estimar a utilização interna como residuo em dado ano-base, tornando-se a mesma um componente da demanda de S.Paulo. Desde que o intercâmbio interestadual e os ajusta mentos de estoque não sejam substanciais, a utilização doméstica tenderá a igualar-se à demanda de S.Paulo. É obvio que a interpretação da demanda e oferta resultantes depende em cada caso do grau de validade desta pressuposição (quadro 4.2).

A demanda é projetada através da identidade d Chkawa, na qual a taxa de crescimento da demanda (d) é igual à taxa de crescimento da população (n) mais a elasticidade-renda do produto (e), mu<u>l</u>

QUADRO 4.2. - Projeção de Demanda e Oferta, Empregado o Conceito de Utilização ou Desaparecimento Interno, Estado de São Paulo, Ano Agricola 1972/73

Produto	Porcenta- gem de exporta- ção do	Elasti- cidade- renda da demanda	Taxa de crescimento da demanda(¹)	Projeção da demanda interna para	Projeção da demanda externa para	Projeção da demanda total para 1972/73	ofer	Projeção da oferta (²) (1.000t)	
	Estado (%)	(%)	1972/73 (1.000t)	1972/73 (1.000t)	(1.000t)	s ₁	s ₂		
Cana	11,6	0,07	3,21	37.184/	4.447(3)	41.631.	44.300	49.900	
Leite	0,0	0,66	4,98	1.843	0	1.843	1.850	• • •	
filho 🗸	18,9	-0,43/	1,71	2.474	655	3.129	2.883	3.579	
Algodão 🗸	57,7	0,65	4,95	317	5 80	897	840	1.025	
Amendoim 🗸	34,8(4)	0,78	5,34	48G	238	718	598	635	
landioca /	1,3	-0,29	2,13	1.709	30	1.739	1.820	1.921	

^{(&}lt;sup>1</sup>) Taxa de crescimento da demanda * Taxa de crescimento da população + Taxa de crescimento da renda per cap<u>i</u> ta x Elasticidade-renda da demanda.

^{(&}lt;sup>2</sup>) S₁ = area projetada x rendimento médio dos últimos 5 anos; S₂ = area projetada x rendimento mais alto dos últimos 5 anos.

⁽³⁾ Baseado em equivalentes de cana-de-açucar com a conversão de 94 quilos de açucar para 1.000 quilos de cana.

⁽⁴⁾ Para evitar contagem dupla de vários produtos exportados derivados do amendoim foram feitas conversões.

tiplicada pela taxa de crescimento da renda "per-capita" (g) (4). 0 ano-base é uma média da produção em 1970/71 e 1971/72, dada a flutuação de produção decorrente das condições climáticas nesses dois anos (quadro 4.2) .

A area com cana de açucar apresentou rapido crescimento em S.Paulo nos últimos 20 anos, passando de 159.000 hectares em 1950 pa ra uma projeção de 890.000 hectares em 1973. O preço da cana de açu car e suas quotas de produção são estabelecidos pelo Instituto de Açucar e Alcool. Em 1971, 57% da produção brasileira pertenceu à S. Paulo. Aparentemente, a redução do tratamento preferencial para Nordeste resultara num crescimento ainda maior da produção paulista. O potencial de exportação do Brasil a curto prazo é muito promissor devido as quebras de safra de varios dos países produtores, de sorte que as projeções de exportação podem estar subestimadas. Além do mais, os estoques do Brasil estão em nível muito baixo (em relação à condição de grande exportador) de tal forma que, dada uma pres são de demanda externa e a necessidade de reposição de estoques, perspectiva a curto prazo para o açucar é melhor do que o seria situação habitual de aparente excesso de oferta. Entretanto, a ofer ta mundial de açucar é bastante sensível às variações de preços e de mais condições do mercado, de forma que, uma posição de São Paulo co mo ofertante privilegiado podera durar apenas poucos anos.

A elasticidade-renda da demanda por leite é alta, e firme o crescimento da demanda interna. A produção paulista vem crescendo desde 1948, a despeito da relativa constância do preço real do leite.

O coeficiente de elasticidade-renda da demanda de milho (negativo) sugere que o produto "in natura" é pouco utilizado na die ta alimentar da população. Suas destinações principais são a exporta

⁽⁴⁾ As taxas de crescimento populacional e de renda "per-capita" foram estimadas em 30% a.a. As elasticidades-renda foram extraídas de vários estudos empíricos e são apresentados no quadro 4.2. A identidade de Ohkawa é expressa por d*n+e.g.

ção e o uso interno, para ração animal e como matéria-prima indus - trial. A produção de milho apresenta substancial flutuação, porém tem apresentado tendência positiva desde o final da década dos 50. O preço real tem declinado consideravelmente desde o início da decada 60. O modelo simples aqui apresentado indica que, com preços reais em baixa a produção de milho não aumentará no ritmo da demanda, de forma que poderão surgir pressões altistas de preço a menos que haja maior importação pelo Estado. Preços crescentes do milho implicarão, por sua vez, em custos crescentes para os produtos de o rigem animal tais como leite, aves e suínos.

Com o esgotamento dos grandes estoques de algodão dos Estados Unidos a situação do mercado de exportação melhorou substan cialmente, tendo o mercado internacional absorvido na última safra aproximadamente 58% da produção do Estado. Mantendo-se o ritmo da exportação e prevendo-se algum crescimento da demanda interna, espera-se que a recuperação da área e da produção iniciada após a queda de 1967, será mantida sem afetar o preço real do algodão, embora círculos ligados à cotonicultura admitam pequena redução na área a ser plantada em São Paulo.

As exportações de amendoim devem continuar em volumes substanciais; entretanto, o mercado principal é para o óleo de amendoim, considerado de boa qualidade pelos consumidores nacionais e participando também na exportação. Internamente, porém, o óleo de amendoim compete com as crescentes ofertas dos de soja e de caroço de algodão (os quais, como produtos residuais, estão sendo lançados de forma crescente no mercado a preços bastante baixos, principalmente em função da produção de soja). Consequentemente, a identidade de Ohkawa tem especificação insuficiente no caso, pelo fato de não incluir os preços de oleos competitivos e, portanto, a demanda do amendoim poderá apresentar-se considerávelmente menor que a prevista. Se fossem desenvolvidos esforços suficientes para estimular as exportações de amendoim "in natura" poder-se-ia compensar a demanda interna em declínio aparente.

A área e a produção de mandioca tem diminuido no Estado desde 1963, e como ocorre com outros produtos de alimentação básica apresenta baixa elasticidade-renda da demanda. Também a baixa produtivida
de por área explica em parte o declínio verificado. A substancial modificação no panorama do comércio de produtos de mandioca no ano de
1971, tanto no mercado interno como nas perspectivas de exportação, con
dicionou a elevação do preço da matéria-prima, tornando aparentemente
menos válida a estimativa pela identidade de Ohkawa, que previa uma
situação de excesso na oferta e consequente declínio do preço real.

Varias observações gerais emergem das análises anteriores. Primeiramente, com excessão do café, algodão, soja e laranja, a demanda interna é a componente mais importante da utilização total da produção paulista.

Por outro lado, tem ocorrido substanciais deslocamentos de culturas na agriculturado Estado nos últimos 20 anos, sem se considerar o conhecido programa de diversificação das mesmas. As culturas para alimentação básica - arroz, batata e feijão tem se afastado do Estado de S.Paulo nos últimos 10 anos, reclamando substanciais importações dos produtos de outros estados. Há também grandes importações de carne, visto que, mesmo com a melhoria das pastagens, o alto preço das terras paulistas tem forçado a pecuária para os estados vizinhos. Os produtos mais dinâmicos da agricultura paulista tem sido a cana, ovos, laranja, tomate, soja, frutas e hortaliças em geral.



5 - ANÁLISE DE MERCADO DE PRODUTOS

5.1 - Algodão

5.1.1 - Paranorama internacional

A produção mundial de algodão em 1971/72 é estimado em 55,1 milhões de fardos, 3,6 milhões superior a do ano precedente. Esse volume deverá também ser ligeiramente maior que o consumo, avaliado em cerca de 54,7 milhões de fardos. Os valores acima indicam a interrupção da tendência, a partir de 1966/67, de produções menores que o consumo.

A mudança na relação oferta-procura foi logo refletido pelo comportamento dos preços. Especificamente para o tipo "5" da região sul do Brasil, o máximo atingido em Liverpool deu-se em fins de janei ro do corrente ano, quando registrou US\$ 39,20 cents por libra. De la para cá começou a marcha descendente e, em fins de maio, aquele preço girava em torno de US\$ 34,50 cents, o que significou uma queda de 14%.

Cutros fatores significativos, além do aumento da oferta, podem ser apontados na reversao da tendência de preços: o plantio da safra americana de 1972/73 estimado em 13,5 milhões de acres, 10% superior que o precedente; em outros países como México, Grécia, Síria e El Salvador, os plantios de 1972/73 serão algo maiores; a recessão ocorrida nas atividades téxteis, na maioria dos países da Europa Ocidental, no segundo semestre de 1971, novos ganhos da posição das fibras artificiais com respeito aos preços de algodão.

Quanto ao comércio internacional em 1971/72, estima-se que seu volume deverá ser aproximado ao do ano anterior, cu seja, em torno de 17,7 milhões de fardos.

5.1.2 - Situação interna

Sob um clima de certo otimismo foi efetuado o plantio da safra 1971/72, na região sul do País, causado pelos bons preços de merca do então reinantes e pelo apoio de preços mínimos substancialmente maiores que os anteriores. Como reflexo desses estímulos, a área plantada no Estado de São Paulo registrou um aumento de 4% em relação à precedente. Também nas áreas novas (Goiás e Triângulo Mineiro), a expansão foi bem maior do que a inicialmente prevista.

Todavia, em São Paulo, condições climáticas não muito propícias à cultura refletiram na produção esperada. Mesmo assim, acreditase que esta produção seja maior que a do ano anterior. A produção global da Região Centro-Sul em 1971/72 pode ser considerada como normal, estimada em 505 mil toneladas de algodão em pluma, com incremento de 25% em relação à anterior, em função da abertura de novas áreas de plantio.

A comercialização ainda em curso trouxe descontentamento entre os produtores, causado principalmente pelo preço recebido de Cr\$ 17,50 em média por arroba de algodão em caroço, valor este bem abaixo da expectativa na época do plantio, que girava em torno de Cr\$ 20,00. Outros fatores, como baixa produtividade e falta demão-de-obra na colheita em algumas regiões, que em certos casos ocasionaram o pagamento de Cr\$ 6,00 por arroba colhida, contribuiram para este clima de descontentamento.

5.1.3 - Perspectivas

Para a proxima safra (1972/73), ainda que a situação para os países produtores seja um tanto inquietante, parece não haver motivos para muito pessimismo. Por outro lado, como os plantios do Hemis ferio Sul, para a safra 1972/73 não foram ainda realizados, qualquer avaliação global sobre o comportamento da mesma e prematura. É possí

vel também, embora não muito provável, que os menores preços do algodão contribuam para arrefecer a concorrência das fibras artificiais.

Em São Paulo, o mais possível é contar-se com uma pequena redução de área no próximo plantio ou mesmo de estabilização.

5.2 - Amendoim

5.2.1 - Panorama internacional

A produção mundial vem se mantendo nos últimos anos, relativamente estagnada sendo os aumentos conseguidos em alguns anos praticamente anulados por quebra de produção nos subsequentes.

A safra passada de 1970/71, foi recorde e estimado em 18,1 milhões de toneladas, superior em 5,2% a do ano anterior.

Para a safra atual de 1971/72 estima-se uma redução devido as quebras verificadas principalmente na Nigeria, Argentina. India e Africa do Sul. As estimativas correntes indicam uma produção em tôrno de 17,7 milhões de toneladas, 2% inferior à da safra passada.

Segundo especialistas, a disponibilidade mundial de amendoim sem casca para produção de oleo, em 1970 foi de 617 mil tonela das, em 1971 de 509 mil toneladas e a perspectiva para 1972 é de apenas 460 mil toneladas.

5.2.2 - Situação interna

A produção brasileira de amendoim de maneira geral tem acom panhado a tendência que se observa na produção mundial.

A safra nacional de 1970/71 de 870 mil toneladas foi superior à anterior em 15%. Já em 1971/72 estima-se tenha atingido apenas 750 mil toneladas, apresentando, portanto, em relação à anterior,

um decréscimo de 14%.

QUADRO 5.1. - Produção Paulista de Amendoim, Estado de São Paulo

Ano	Ārea (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1964/65	413,8	600,0	1.450
1965/66	481,6	667,5	1.386
1966/67	551,8	491,2	890
1967/68	389,6	537,5	1.380
1968/69	469,3	532,5	1.109
1969/70	447,7	620,0	1.385
1970/71	505,8	637,5	1.260
1971/72(¹)	495,3	650,0	1.312

⁽¹⁾ Dados preliminares.

A produção paulista de amendoim que representa 73% da total brasileira, tem apresentado nos últimos anos uma tendência à estagnação. Os aumentos e decrescimos de produção quase que se compensam. Essa situação na produção é consequência das variações nas áreas plantadas anualmente, e da relativa estagnação tecnológica da cultura que não tem apresentado ganhos de rendimento (quadro 5.1).

Em 1971/72 a comercialização do amendoim da safra das águas ao nível do produtor apresentou problemas que se refletiram no plantio do amendoim da sêca. No período da colheita do amendoim das águas, os produtores encontraram dificuldades na venda, em virtude da má qualidade do produto provocada pelo excesso de chuvas. Os preços oferecidos foram baixos, o que causou um atraso considerável na comer

cialização do amendoim, além de não remunerar convenientemente os produtores.

Os preços pagos nesta safra foram grandemente influenciados pelas perspectivas de uma grande produção de soja e queda do preço do oleo de amendoim verificada no comercio internacional, a partir de janeiro de 1972.

Em 1972, as exportações de amendoim e derivados, realizadas pelo Estado de São Paulo, foram superiores aos níveis de 1971 para o amendoim "in natura" e õleo, e inferiores apenas para o farelo. Assim, no período janeiro-maio de 1972 atingiram 11.452 toneladas de amendoim em casca e 7.954 toneladas de amendoim sem casca, respectivamente superiores ao total de idêntico período do ano anterior em 62% e 5%; nêsse mesmo período o õleo de amendoim alcançou, em 1972, 44.841 toneladas, superior em 16% ao total veriticado no mesmo período do ano passado.

C amendoim em grão nos últimos anos vem apresentando altas consecutivas em suas cotações, indicada pela demanda crescente por produto de boa qualidade destinado ao consumo humano "in natura". O produto brasileiro de modo geral não atende as exigências do mercado europeu.

C óleo de amendoim também apresentou nos últimos anos, no mercado internacional, uma evolução crescente em suas cotações. Contudo, a partir de agôsto de 1971 passaram a cair, atingindo em 1972 US\$ 367,00/tonelada. Essa queda foi provocada pelas perspectivas de excelentes safras de amendoim nos principais paises produtores africa nos e na India. Cotações essas que em 1972 novamente passaram a crescer e a tendência atual é de alta.

No Estado de São Paulo os preços recebidos pelos produto - res de amendoim em 1971 acusaram valor médio ponderado de Cr\$ 14,47 por saco de 25kg do produto em casca, superior em 40% a média de 1970. No ano de 1972 a média simples do 19 semestre acusa Cr\$ 14,26 por saco inferior portanto à cotação média de 1971 (quadro 5.2).

QUADRO 5.2. - Preços Medios de Amendoim Recebidos pelos Produtores Paulista, 1966-72 (Cr\$/sc 25kg)

Mês	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Jan.	4,82	3,92	6,57	9,12	9,32	12,70	14,33
Fev.	5,47	3,96	6,68	8,98	9,07	14,66	13,94
Mar.	5,75	3,00	7,30	8,82	9,36	15,28	13,89
Abr.	5,69	4,00	7,55	8,69	9,75	15,39	14,06
Mai.	5,75	4,80	7,69	8,83	9,78	14,45	14,56
Jun.	5,50	5,66	8,30	9,02	11,15	14,13	15,38
Jul.	5,23	5,92	8,49	9,25	12,11	14,86	• • •
Ago.	5,20	6,05	8,66	9,53	12,73	16,44	
Set.	5,29	6,12	9,08	11,19	12,91	16,46	
Out.	6,14	6,63	9,24	11,58	13,19	16,17	
Nov.	5,69	6,52	10,58	11,82	. 12,97	16,62	• • •
Dez.	4,96	6,61	8,96	11,17	13,12	17,33	• • •
Média	5,35	4,85	7,46	9,32	10,36	14,47	

5.2.3 - Perspectivas

No mercado internacional deverá crescer a demanda para o a-mendoim e respectivos oleo e farelo.

Entretanto, nos dois principais estados produtores do Brasil (São Paulo e Paranã) espera-se uma redução da área a ser plantada, em função da safra de 1971/72, que apresentou problemas na comercialização, tendo ocasionado aos produtores descontentamento pelos preços obtidos. Além disso, na recente safra da sêca, a quebra de produção foi bastante grande, desencorajando um grande número de produtores em prosseguir plantando o amendoim.

5.3 - Arroz

5.3.1 - Panorama internacional

A produção mundial de arroz em casca, na safra de 1971/72, foi estimada em aproximadamente 300 milhões de toneladas. Este valor é o quinto recorde sucessivo da produção mundial, devido principalmente aos incrementos nas produções dos principais países importadores, que procuram obter auto-suficiência em abastecimento do arroz. Atual mente, o mercado internacional caracteriza-se por oferta bastante superior à demanda, o que ocasionou, a partir de 1969, sensível baixa nas cotações internacionais, de 38% a 48% dependendo da variedade, qua lidade e origem, além da formação de estoques nos países exportadores.

As quantidades totais comercializadas em 1971 são estimadas em 7 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Em 1972, espera-se que o mercado comporte o mesmo volume, sendo que os Estados Unidos , Tailândia e outros grandes exportadores já superaram, no primeiro quadrimestre, as quantidades exportadas no mesmo período do ano passa do.

A fim de incentivarem suas exportações os países exportado res instituiram subsídios para compensar os desníveis e proporcionar condições para as transações internacionais. Nos Estados Unidos, tais subsídios de exportação, dependendo da qualidade, variedade e porto de embarque, variaram de 100 a 275 cents por 100 lb, em março de 1972.

5.3.2 - Situação interna

A produção brasileira, na safra 1971/72, deverá alcançar, a proximadamente, 5.800 mil toneladas de arroz em casca; o primeiro Es tado produtor é o Rio Grande do Sul, com 1.200.000t, vindo a seguir Coiás com 750.000t. Esta produção comparada a de 1971 apresenta- se superior em 20%, devido às condições climáticas favoráveis ao arroz de sequeiro. A área de arroz no Estado de São Paulo no ano agríco- la 1971/72, comparada à de 1970/71, foi 9,6% menor, tendo porém proporcionado colheita 98% superior (quadro 5.3).

QUADRO 5.3. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cultura de Arroz, Estado de São Paulo

Ano	Ārea (1.000 ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1966/67	752,6	900,0	1.196
1967/68	880,9	636,0	. 722
1968/69	774,4	546,0	705
1969/70	636,5	780,0	1.225
1970/71	556,6	348,0	625
1971/72	503,0	690,0	1.372

As exportações brasileiras de arroz, em 1971, somaram 148.830 toneladas, 57% a mais que em 1970 embora quando comparadas ao recorde de 1968, fossem 5,9% menores. Para o presente ano, devido a ausência de grandes estoques prevê-se não seja mantido o ritmo de 1971, alem dos preços internos se mostrarem gravosos no mercado internacional.

O mercado atacadista de São Paulo, em 1971, caracterizouse por grandes altas de preço, face ao malogro na produção dos Esta
dos Centrais e São Paulo, principais fontes de abastecimento deste
mercado. O mesmo aconteceu em outros centros consumidores, obrigan
do a Comissão de Financiamento da Produção a liberar para consumo
interno grandes estoques, a fim de atender ao abastecimento, até o
início da nova safra. No final do ano de 1971, algumas firmas brasileiras importaram pequenas quantidades de arroz, provenientes da
Itália, Argentina, Tailândia e Paraguai, que, todavia, não constituiram maiores problemas aos produtores nacionais.

Com a colheita da safra 1971/72, que no aspecto produção foi boa, em todo o País ocorreu a normalização do abastecimento. Acredita-se porem, que ainda no final deste ano, os grandes centros consumidores deverão recorrer com maior intensidade ao produto gaúcho.

5.3.3 - Preços

Os preços de arroz no mercado interno, em 1971, devido à falta do produto nos grandes mercados registraram altas para todas as variedades. No mercado atacadista da cidade de São Paulo, de fe vereiro a dezembro de 1971, as altas de preço variaram de 51% a 61%, enquanto que para o mesmo período, em 1970, as elevações foram de 6% a 15% (segundo a variedade).

Em 1971, os preços recebidos pelos produtores no Estado de São Paulo, mostraram tendência de alta no decorrer do ano todo,

contrariando anos anteriores. Ao início de 1972, a tendência dos preços sofreria uma inversão, porém, em maio, os preços voltaram a subir (quadro 5.4).

QUADRO 5.4. - Preços Médios Mensais de Arroz Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1967-72

Mês	1967	1968	1969	. 1970	1971	1972
Jan.	20,94	22,24	25,91	25,11	27,19	56,16
Fev.	19,42	21,97	26,95	23,44	34,49	54,04
Mar.	15,00	22,59	23,68	19,73	37,67	47,49
Abr.	14,88	22,87	21,57	18,80	37,80	39,80
Mai.	18,70	22,44	21,58	19,49	38,39	40,79
Jun.	17,68	22,38	21,55	19,99	40,72	44,57
Jul.	18,75	21,25	21,37	21,59	42,98	
Agô.	20,29	21,31	22,06	22,83	46,54	•,••
Set.	22,25	22,19	24,93	24,64	48,41	···
Out.	23,49	23,45	27,99	24,92	49,84	
Nov.	23,14	25,63	27,49	25,78	55,51	• • •
Dez.	22,02	25,81	26,35	27,08	57,66	• • •

5.3.4 - Perspectivas

Para a safra 1972/73, o observado nas regiões produtoras su gere um possível aumento da área a ser plantada em S.Paulo, devido aos bons preços e rendimentos elevados desta safra. Face às alternativas de outras culturas sujeitas a menores riscos e incertezas, esse aumento, porém, não deverá atingir 10%. Ademais, há que se considerar que a tendencia observada a partir de 1966/67 é de nítida redução

da area em cultivo, que atingiu sua menor superfície em 1971/72, com 503 mil hectares. Alias, a tendência de declinio da area esta implicita nas estimativas "moderada" e "otimista" de oferta ($S_1=450\,$ mil toneladas e $S_2=663\,$ mil toneladas) para o próximo ano agrícola. Esses números, altamente correlacionados com o rendimento da cultura, sugerem que, mesmo com o aumento de area prognosticado anteriormente, a produção paulista desta safra so será ultrapassada em 1972/73 se novo recorde de produtividade for registrado.

No Brasil, poderão ocorrer acréscimos de área, contribuindo para esse prognóstico as seguintes razões: a ótima safra atual e a comercialização, até o momento, sem maiores problemas.

5.4 - Batata

5.4.1 - Panorama internacional

Em 1969, o volume comercializado no mercado atingiu 174 mil toneladas, o equivalente a 15,6 milhões de dolares. O Brasil par ticipa muito pouco nesse mercado internacional, com pequenas exportações para Argentina e importações de batata-semente de varias origens. O mercado argentino apresenta-se com alguma perspectiva favoravel, devido a seu consumo elevado (especialmente de tubérculos grandes) e à diminuição da sua produção.

5.4.2 - Situação interna

A batata comercializada em São Paulo provem praticamente do Parana, Minas Gerais e do proprio Estado. Especificamente para o abastecimento do mercado paulistano tem-se a participação porcen-tual dos estados no quadro 5.5.

QUADRO 5.5. - Participação Porcentual dos Diversos Estados no Abaste cimento de Batata, no Mercado Paulistano, Estado de São Paulo , 1971/72

Estado	Safra de inverno (1)	Safra das aguas	Safra da sêca
São Paulo	57,5	45,0	28,0
Min a s Gerais	20,0	45,0	30,0
Paranã	22,5	10,0	42,0
Rio Grande do Su	1 1,3	-	-

⁽¹⁾ Relativo à 1971.

As três safras anuais de São Paulo (das águas, da sêca e de inverno) tem se comportado no computo total com ligeira tendência de aumento de produção nos últimos anos, alcançando 438 mil tonela - das em 1970/71. Em 1971/72, somente as produções das águas e da sêca totalizaram 343,2 mil toneladas. A distribuição porcentual por safra, nos últimos anos, tem sido em média 48% batata das águas, 30% da sêca e 22% de inverno.

Para a safra das aguas, as regiões maiores produtoras localizam-se nas DIRAs de Sorocaba e Campinas. A DIRA de Sorocaba produz 40 a 50% da batata das secas em São Paulo, sendo secundada pelas DIRAs da Capital e Campinas.

As DIRAs da Capital, Sorocaba e Vale do Paraíba são responsáveis por 75% de produção da batata de inverno.

No ano agrícola 1971/72, o produto ofertado tem sido de boa qualidade, com participação predominante do tipo especial (quadro 5.6).

QUADRO 5.6. - Participação Porcentual dos Diversos Tipos de Batata no Abastecimento do Mercado Paulistano, Estado de São Paulo, 1971/72

Tipo	Safra das āguas	Safra da seca
Lisa especial	35,5	41
Lisa primeira	15,2	. 19
Lisa segunda	5,5	7
Comum especial	29,2	23
Comum primeira	10,2	7
Comum segunda	4,4	3

Quanto aos preços recebidos pelos agricultores, a média dos cinco primeiros meses foi de Cr\$ 22,91, sendo 8% superior a média do mesmo período do ano passado. O comportamento dos preços futuros, abrangendo a colheita da safra de inverno, dependerá da oferta do produto que, segundo primeiras notícias, já está comprometida com a ocorrência de geadas em algumas regiões produtoras.

As perspectivas para o ano agrícola 1972/73 dependem da comercialização ora em curso. Todavia, é lícito esperar-se a manuten - ção de produção semelhante à atual, mesmo com a ocorrência de reduções da área de plantio, em algumas regiões do Estado (Divinolândia, por exemplo).

5.5 - Café

5.5.1 - Panorama internacional

A partir dos resultados das reuniões realizadas no início

de março, que originaram o chamado Acordo de Bogotá e, em abril, que deram forma ao Acordo de Genebra, continuaram os países produtores, em maio, a tomar medidas visando a unificação da política de preços. A Conferência de Paris, no início do mês de maio, e a Reunião da Junta Executiva do Acordo em Londres, confirmaram a posição dos produtores.

O mecanismo escolhido para atuar sobre o sistema de preços foi a liberação de quotas, de acordo com a capacidade de absorção do mercado. Enquanto o Acordo Internacional do Café confere aos países produtores quotas que poderão chegar a 56 milnões de sacas, consideram os países produtores que o mercado não tem condições de absorver mais do que 48 ou 49 milhões.

Na Assembleia da Organização Internacional do Cafe, em Londres, serão estabelecidas as quotas de exportação para o próximo ano cafeeiro, que se inicia em outubro.

As notícias da ocorrência das geadas no Paraná, nos dias 8 a 9 de julho, causaram grande impacto no comércio cafeeiro internacional, tendo ocorrido rápida elevação das cotações. Os preços indicativos da Organização Internacional do Café, que já vinham demonstrando franca elevação, apresentaram alta sensível já no dia 13 de julho (quadro 5.7).

Assim sendo, em vista das tendências, a alta de preços jã verificadas em função das gestões dos países produtores e das perspect<u>i</u> vas de redução na oferta de café a prazo médio, pode-se prever o aumento acentuado nas cotações internacionais.

As cotações CIF-NY mostravam já essa tendência altista, passando do nível de US\$ 0,4245 por libra peso, em julho de 1971 para US\$ 0,4468, em janeiro de 1972 e US\$ 0,4750, em 29 de junho de 1972.

QUADRO 5.7. - Preços Indicativos da Organização Internacional do Café para Diversas Categorias de Café, 1972

(cents/libra peso)

•			1	1972		
Categoria -	31/3	28/4	31/5	30/6	8/7	14/7
Colombian Mild Arabicas	,					
(Despolpados Colombianos)	51,75	52,50	52,50	55,00	55,25	58,50
Other Mild Arabicas					•	
(Outros Despolpados)	45,83	46,67	46,92	50,25	50,00	54,00
Unwashed Arabicas						
(Não Despolpados)	46,38	48,25	48,25	48,88	49,65	49,65
Robustas	43,13	43,88	43,51	43,88	43,69	45,85

Fonte: Escritorio Panamericano do Café - OIC.

5.5.2 - Situação interna

A medida que elevava o preço de registro, para acompanhar a tendência altista do mercado internacional, o IBC aumentava, na mesma proporção, os preços de garantia concedidos aos produtores. Revelaram também as autoridades do IBC que o cotejo entre o valor da quota de contribuição em dezembro de 1971, e a atual demonstra claramente a nova tendência da política cafeeira.

Em 8 de dezembro de 1971, o preço do café brasileiro era de US\$ 53,79 por saca. A quota de contribuição era de US\$ 21,87. Em 16 de junho de 1972, o valor da saca era de US\$ 59,40, sendo a quota de contribuição de US\$ 23,22. Assim sendo, a relação porcentual, que era de 40,79% para a quota de contribuição, passou a representar 39,10% e o mercado ínterno, que recebia 59,21%, passou a receber 60,90%.

Efetivamente, os preços médios recebidos pelos produtores de café refletiram a tendência altista no mercado interno, passando de Cr\$ 132,16, em dezembro de 1971 para Cr\$ 163,45, em junho de 1972, o que representa um aumento em termos médios de 23,68%.

A mesma evolução se verifica pelas cotações do disponível em Santos, tendo as médias mensais evoluído de Cr\$ 25,14 para o Santos "4", em janeiro de 1972 para Cr\$ 30,16, em junho.

Os efeitos da alta de preços internacionais e das medidas do IBC tendentes a transferir as altas para o produtor, especialmente através da elevação dos níveis internos de garantia, somam-se aos acrés cimos de preços resultantes das geadas dos dias 8 e 9, para permitir um prognóstico de elevação para o período cafeeiro 1972/73. Já no dia 14 de julho, as cotações no disponível dos cafés tipo "4", estilo Santos, passaram do nível prévio de Cr\$ 30,16 por 10kg, em 30 de junho de 1972, e Cr\$ 30,66, em 8 de julho para Cr\$ 34,50, em 14 de julho.

A situação estatística do café no Brasil permite também antever um mercado em alta, cujo montante será função dos prejuízos causados pela geada de extensão ainda não conhecida no presente momento. De pendendo dos prejuízos causados pela geada, o IBC terá que lançar mão

de parte de seus estoques, para atender as necessidades de consumo.

Na reunião do Alto Conselho Agricola da Secretaria da Agricultura, realizada no dia 7 de julho, configurou-se plenamente a necessida de do Brasil plantar pelo menos 600 milhões de covas, nos próximos 3 anos. A meta de plantio de 200 milhões de cafeeiros no presente ano tem encontrado repercussão, especialmente nos Estados de Minas Gerais e Paranã, embora não se saiba no momento os prejuízos causados pela geada, aos novos plantios paranaenses e a eventual retração dos plantado res.

De qualquer modo, pode-se antever melhores perspectivas pará plantio no Estado de São Paulo.

As pesquisas e programas de ação do IBC e da Secretaria da Agricultura, com relação a ferrugem, permitem a adoção de métodos de controle durante o período 1972/73, com custos variáveis em função do tipo de equipamento, número de aplicações exigidas por ano e fatores interentes às condições locais e do proprio cafeeiro.

Os eventuais prejuízos, decorrentes da incidência da ferrugem no Estado de São Paulo, dependerão da resposta dos produtores à orienta ção técnica do IBC e da Secretaria da Agricultura, incentivados agora por uma perspectiva de ponderável alta de preços e decidido apoio das autoridades governamentais.

5.6' - Cana-de-açucar

5.6.1 - Panorama internacional

A previsão da safra mundial de açucar, em 1971/72, é de 76.203 mil toneladas. Com demanda superior à oferta, prevê-se uma que da no estoque mundial de açucar, esperando-se que ao final do periodo este atinja aproximadamente 15 milhões de toneladas contra 18,8 milhões de toneladas em 1970/71. O desiquilibrio na presente safra deve

se ao aumento no consumo mundial e a queda de produção em Cuba, cuja oferta deverá situar-se ao redor de 4 milhões de toneladas.

As exportações mundiais são estimadas em 24,8 milhões de toneladas para 1971/72, contra 23,9 milhões em 1970/71.

O Brasil em 1971 exportou 1.225.893 toneladas num valor total de US\$150.412,996. Os preços médios ponderados para estas exportações foram de US\$91,02 por tonelada, no mercado livre mundial e US\$160,78 por tonelada, no mercado americano. No ano de 1972, a exportação brasileira de açucar tem apresentado grande aumento superando já no primeiro semestre a exportação total do ano anterior. Neste primeiro semestre foram exportadas 1.321.579 toneladas, num valor total de US\$221.317.334. Os preços do açucar apresentaram grandes elevações, sendo os preços médios ponderados, destas exportações, de US\$164,65/t no mercado livre e de US\$ 173,93/t no mercado americano.

5.6.2 - Situação interna

A produção brasileira de cana-de-açucar é totalmente controlada pelo Instituto de Açucar e Álcool. O aumento ou queda na área dedicada ao cultivo de cana-de-açucar depende tão somente do Plano de Safra, elaborado por este orgão, levando em conta os mercados interno e externo.

No Estado de São Paulo, 80% da área plantada com cana-de-açu car tem como objetivo suprir a necessidade de seu parque industrial açucareiro e o restante da área compreende cana para forragem e fabrica
ção de aguardente.

Em 1964, boatos quanto a um grande aumento a ser concedido na cota de fabricação de açucar, no Estado de São Paulo, motivaram vio lento aumento na área plantada, ao redor de 22%. Porém, como esta área era bastante superior às necessidades da indústria açucareira, hou ve consecutivas quedas até o ano de 1968, quando novamente passou-se a ter aumentos de área (quadro 5.8).

QUADRO 5.8. - Área Plantada, Produção e Rendimento de Cana-de-Açúcar , Estado de São Paulo, 1967-72

Ano	Área (1.000 ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/na)
1967	652,2	33.500,0	51.365
1968	627,4	30.225,0	48.175
1969	633,5	27.400,0	43.252
1970	757,5	42.500,0	56.106
1971	822,8	38.300,0	46.548
1972	833,0	45.000,0	54.022

Quando a cana é produzida por fornecedores, sob o regime de cotas, a comercialização da produção é orientada pelo IAA. Apenas quando a produção supera as cotas pré-estabelecidas há necessidade do produtor fornecedor procurar outros fins para colocar sua colheita, como fabricação de álcool ou de aguardente. Uma vez que a maior parte da produção de cana é realizada pelas proprias indústrias de açucar, este último tipo de comercialização é de pequena expressão.

No Estado de São Paulo, o preço vigente na presente safra é de Cr\$ 29,17/t, superior 18,58% ao da safra 1971/72.

5.6.3 - Perspectivas

As perspectivas para a produção de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, são bastante favoráveis em razão de vários fatores: aumentos do consumo interno e externo e, nova política governamental, visando melhoria tecnológica da indústria.

Observa-se que, de acordo com o Decreto-lei nº 1.186 de agos to de 1971, objetiva-se uma reorganização do parque industrial açuca - reiro no Brasil, legislação esta que permite a incorporação ou relocalização de unidades industriais dentro de uma mesma região econômica.

5.7 - Cebola

5.7.1 - Panorama internacional

O comércio mundial de cebola em 1969 ultrapassou a 90 mi - lhões de dolares, para um volume de 1,1 milhões de toneladas, no qual o Brasil figura apenas como importador.

Em 1971, o Brasil importou 9,2 mil toneladas, principalmente da Espanha. Tal volume foi dos mais elevados na última década, resultante, dos altos preços no mercado interno e principalmente das baixas cotações do produto na origem.

Para 1972, a importação do produto espanhol deverá ser bastante limitada, face à inversão de preços. Paralelamente, foram real<u>i</u> zadas exportações da Argentina (3,8 mil toneladas), durante o primeiro semestre.

5.7.2 - Situação interna

No Estado de São Paulo, a área de plantio aumentou cerca do 30% na última década, principalmente nas regiões de São José do Rio Pardo e Monte Alto. Ressalte-se o aumento recente verificado nas regiões de Sorocaba e Capão Bonito. Esta evolução vem sendo acompanhada de pequeno aumento da produtividade média do Estado que, no entanto, situa-se ainda abaixo da nacional.

normalmente, os preços no atacado tem uma tendência de alta no primeiro semestre, para declinar no segundo. Este comportamento es ta relacionado com as entradas de cebola no mercado da Capital, originarias, principalmente, de Pernambuco e Rio Grande do Sul e do próprio Estado. No primeiro semestre de 1972, os preços no atacado evoluiram de maneira favorável aos produtores da cebola "Soqueira do Estado". Mesmo com a entrada antecipada da "Canária de Pernambuco", causando queda nos preços a partir de junho, a variedade "Maravilhosa" não deverá ter grandes problemas na sua comercialização, pelo fato da atual safra não sofrer atrazo como ocorreu no ano passado, além de esperarse produto de melhor qualidade.

5.8 - Feijão

5.8.1 - Situação interna

No Brasil, a maior produção de feijão já alcançado foi no ano de 1967, com 2,55 milhões de toneladas, em uma área de 3,65 milhões de hectares, após a qual vem caindo continuadamente. Em 1972, espera-se colheita de aproximadamente 2 milhões de toneladas. Esta que da na produção deve-se, em parte, aos menores rendimentos por área obtidos e, também, pelo desinteresse pela cultura. Em 1969, os Estados do Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Ceará proporcionaram 60% de toda a produção brasileira. O Estado do Paraná em 1972, com área 15% menor que a de 1971), obteve uma produção de 416 mil tone ladas (8% superior à precedente).

Em 1960, o Estado de São Paulo obteve sua maior produção em função da área plantada. Em seguida, tanto produção como área vem diminuindo gradativamente, devido aos baixos rendimentos.

QUADRO 5.9. - Ārea Plantada, Produção e Rendimento da Cultura de Feijão Estado de São Paulo

An o	Ārea (1.000 ha) .	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1966/67	370,3	162,0	437
1967/68	225,1	117,3	521
1968/69	234,7	79,2	338
1969/70	285,4	139,8	489
1970/71	259,0	138,0	532
1971/72	262,0	153,0	584

Em geral, a produção paulista não se destina à Capital, sendo consumida nas regiões produtoras. Deste modo, 90% do abastecimento da capital paulista é realizado com produto de outros Estados: Paranã (60%), Minas Gerais (20%), Goiãs, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

5.8.2 - Preços

Os preços recebidos pelos agricultores de São Paulo, em 1971, apesar de superiores aos preços mínimos estabelecidos, não proporcionaram incentivos para aumento significativo na área plantada.

5.10. - Preços Recebidos pelos Produtores de Feijão, no Estado de São Paulo, 1967-72 (Cr\$/sc de 60kg)

Mês	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Jan.	17,92	19,82	33,96	48,20	52,98	62,52
Fev.	15,48	19,22	35,67	42,35	54,74	61,01
Mar.	14,86	23,02	36,84	41,23	58,59	60,40
Abr.	15,95	23,82	50,30	37,54	61,39	63,32
Mai.	20,67	27,04	58,28	40,82	61,51	70,85
Jun.	21,56	22,87	59,27	44,18	58,85	70,84
Jul.	19,25	21,74	57,40	47,09	58,18	• • •
Ago.	19,94	23,35	70,35	49,72	56,89	
Set.	18,72	25,02	83,97	57,14	55,78	• • •
Out.	16,42	28,13	91,14	53,60	56,98	
νον.	20,24	32,64	58,97	51,17	62,42	
bez.	20,24	32,64	58,97	51,17	62,42	

No mercado atacadista de São Paulo, a variedade de melhor cotação é o roxão mineiro, que em 1971, variou desde Cr\$ 75,00 a Cr\$ 95,00 por saca de 60 quilos. Jã as outras variedades, conforme o mês, origem e qualicade variaram de Cr\$ 55,00 a Cr\$ 75,00, por saca de 60 quilos. Em 1972, os preços deverão elevar-se, porém sem grandes modificações.

5.8.3 - Perspectivas

Para a safra 1972/73, a area de cultivo do feijão não devera apresentar uma alteração significativa, em razão de outras cultu-

ras estarem proporcionando melnores rendimentos aos produtores. Podera haver algum incremento nos municípios de Itarare, Itabera e Coronel macedo, devido à regionalização da assistência técnica para esta cultura.

A tendência geral observada em São Paulo, a partir de 1960, \tilde{e} de redução da área cultivada e as previsões de oferta para 1972/73 ($S_1 = 136$ mil toneladas e $S_2 = 101$ mil toneladas) estão corroborando o prognóstico de área, semelhante \tilde{a} anterior.

Em favor de um possivel aumento da area, estão os preços cor rentes e sua tendência altista. Em contrapartida, a necessidade de controle à ferrugem do cafeeiro poderá reduzir o plantio intercalar do feijão.

5.9 - Laranja

5.9.1 - Panorama internacional

Após os "azares climáticos", ao início de 1971, que afetaram a safra americana e a dos países da Bacia do Mediterrâneo, voltaram a elevar-se na temporada 1971/72 as produções cítricas mundiais, aumentando a expectativa de superprodução, prevista pelo grupo intergovernamental de frutas cítricas da FAO.

A recuperação da produção espannola (65,6 milhões de caixas) e o aumento da colheita na maioría dos países do Mediterrâneo resultaram na estimativa de novo recorde de produção de 217,6 milhões de caixas (31,7kg) de laranja e tangerina, ou seja, cerca de 11 milhões de caixas mais que a safra anterior e 9 milhões acima do recorde anterior, astabelecido em 1969/70.

Da mesma forma nos Estados Unidos, estimou-se uma safra recorde para 1971/72 de 191,8 milnões de caixas (40kg), pouco superior (1,1%) ao recorde precedente e 2,2 milhões de caixas acima da última safra. Observa-se, porem, que a Florida apresentou redução na sua colheita (cerca de 138 milhões decaixas), enquanto que a California mostrou aumento de 14% sobre a safra anterior.

O recorde de produção indicava a possibilidade de um aumento no comércio internacional que, todavia, foi moderado por vários fatores, entre os quais salientou-se o atraso na maturação dos frutos, nos principais países exportadores, com exceção de Israel. Na Espanha, a despeito da recuperação quantitativa, a qualidade da fruta deixou muíto a desejar, sentindo ainda os efeitos da geada do ano anterior e do granizo no início da safra. Problema similar foi apontado por outros países.

Por outro lado, no pique de safra ao final do inverno e início da primavera, alguns embarques foram retidos face aos "preços de referência" adotados na importação pelos países do Mercado Comum Europeu, a fim de permitir que os preços se elevassem nos mercados desses países.

Dessa forma, é pouco provável que as exportações na área do Mediterrâneo - safra de inverno - tenham alcançado o recorde anterior de 101,3 milhões de caixas, sendo todavia possível que tenha ocorrido um aumento de poucos milhões de caixas, sobre o nível de 90,9 milhões de caixas, registrado na safra de 1970/71.

Quanto à demanda, segundo o grupo da FAO recentemente reunido em Catânia, a mesma não deverá apresentar aumentos consideráveis mesmo a preços mais reduzidos pois, na maioriados países importadores da Europa Ocidental, o consumo per-capita parece ter-se estabilizado nos últimos anos. Foi, ainda, enfatizado o aspecto qualidade pois que os consumidores estão preparados para pagar mais por frutos superiores.

Em resumo, o panorama apontado pela FAO é de que a oferta po derá crescer mais rapidamente que a demanda nos próximos dez anos, bai xando os preços e incrementando a industrialização das sobras, fazendo com que caia a rentabilidade do cultivo de citros. Em abono dessa tese, cite-se a necessidade atual de subsídios oficiais adotados em diversos países produtores, entre os quais Israel, Itália e Espanna. Neste último, o "outlook" para 1972/73 é bastante pessemista, prevendo a possibilidade de uma safra acima de 75 milnões de caixas (32kg) e maiores dificuldades de comércio com a entrada da Inglaterra, Irlanda, Noruega e Dinamarca no Mercado Comum Europeu.

5.10 - Mandioca

5.10.1 - Panorama internacional

As alterações observadas nos negócios de derivados de mandioca na última década continuam seu processo de evolução marcado pe la ampliação do seu emprêgo como matéria-prima para ração no Mercado Comum Europeu e pela racionalização das operações portuárias, de transporte a granel e de armazenamento em silos, decorrentes da peletização do produto.

Preponderantemente cultivada nos países em desenvolvimento, destina-se em geral à alimentação das populações de baixo poder aquisitivo sendo exportáveis sómente os excedentes. Dessa forma, esse volume tende a ser bastante variável, salvo no caso da Tailândia. Em 1971, apenas o comércio muncial de produtos de mandioca para componentes de rações ultrapassou 10% milhões de dólares, mercado este que vem evoluindo continuamente na década de 60 e parece não apresentar sinais de estabnação, conforme se observa no quadro 5.11.

5.9.2 - Situação interna

O atraso nas colheitas dos principais países exportadores permitiu que, em 1971, fosse quebrado o ritmo
descendente nas exportações paulistas de fruta fresca, que
se vinha verificando desde 1967, totalizando-se o embarque
de 3.749.573 caixas-padrão (20kg), ou seja, um aumento de
25% sobre o volume de 1970.

Esse aumento quantitativo foi acompanhado de uma elevação no valor médio FOB-Santos, da ordem de 25% superior ao alcançado no ano anterior.

Aumento expressivo registrou-se também na exportação de suco concentrado congelado, atingindo no ano civil de 1971 a marca aproximada de 70 mil toneladas (pêso líquido), de modo a estimar-se que tenham sido industrializadas na safra 1970/71 cêrca de 24 milhões de caixas + (40,8kg), contra 14 milhões em 1969/70.

Esses acrescimos, a par da sustentação do mercado interno avaliado em 17 milhões de caixas, foram acompanhados pelo aumento da produção estimada em 46 milhões de caixas, para um total de 44 milhões de pes plantados no Es tado de São Paulo.

Na presente safra (1971/72), a produção estimada é de 58 a 60 milhões de caixas, superior em 27% à preceden te, mostrando contínuo aumento também no número de pes plantados, que atinge à 49 milhões.

Apesar da crescente oferta, os preços recebidos pelos produtores mantiveram-se firmes desde o início da safra, ao redor de Cr\$ 6,00/caixa no pe, contra Cr\$ 5,30 em 1971, com tendência de aumento no decorrer do segundo semestre.

5.9.3 - Perspectivas

Segundo o "pool" de exportadores da fruta fresca, a exportação em 1972 deverá atingir a 4,5 milhões de cai - xas-padrão, embora espere-se uma redução nas cotações FOB-Santos, que deverão retornar aos níveis vigentes em 1970.

Outrossim, a grande expansão verificada na capacidade instalada das indústrias, permite prever que serão industrializadas na atual safra cerca de 35 milhões de caixas, que deverão proporcionar uma exportação ao redor de 100 mil toneladas de suco concentrado.

Conquanto o comportamento da futura safra 1972/73 dependa de vários fatores aleatórios, especialmente do de - senvolvimento das safras do Hemisfério Norte, sujeitas às geadas no inverno (novembro-fevereiro) e da própria florada em nossos pomares, é lícito prognosticar-se que: deverá - ocorrer aumento na colheita paulista, pela entrada em produção de grande contingente de pés novos, que deverão compensar uma possível redução de safra nos pés adultos, fortemen te carregados neste ano, e que possivelmente, os preços de abertura a serem recebidos pelos produtores não deverão diferir daqueles ofertados ao início da presente safra.

QUADRO 5.11. - Importação de Produtos de Mandioca para Ração pelo Mercado Comum Europeu, 1962-70

an o	Quantidade (1.000t)
.962	390,3
963	464,1
964	584,0
965	693,3
966	867,9
967	800,0
968	
969	•••
970(¹)	1.450,0

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: UNCTAD/GATT.

Também, os negócios externos com fécula de mandioca são pon deráveis, todavia, dada a grande flutuação da produção e preços internos, o Brasil atualmente participa com reduzida expressão nesse mercado.

5.10.2 - Situação interna

Apesar do Brasil ser o maior produtor mundial de mandioca , sua produção é consumida quase totalmente no mercado interno.

Em 1971, os preços dos produtos nesse mercado elevaram-se bastante em relação aos 3 anos anteriores. Dois fatos contribuiram decisivamente para explicar tal comportamento: a estiagem prolongada na região nordeste do Pais nos anos 1970 e 1971 e a menor safra paulista dos últimos 10 anos (1971). Essa situação foi suficiente para restringir a exportação de produtos de mandioca, em 1971 limitada à pequenos embarques de fécula.

Além das causas apontadas, a definição de uma política mandioqueira fez-se sentir através de medidas institucionais então adota das: a liberação do preço da farinha de mandioca, antes fixado através de portaria da SUNAB, acompanhada da manutenção na obrigatoriedade da mistura de farinha de raspa nas farinhas panificaveis.

Essas medidas vieram atenuar à situação de incerteza que de ha muito vinha caracterizando a agro-indústria mandioqueira.

Cutras transformações podem ser citadas: consórcio de exportação COPEM, organizado por 16 indústrias de São Paulo, em fins de 1970, iniciou a exportar em janeiro de 1971; CIBRAZEM montando em Salto Grande, SP, unidade de peletização que deverá estar em funcionamento na próxima safra, transporte a granel do produto até ao porto de Santos com a utilização dos vagões graneleiros, em operação jã em 1972.

Concomitantemente, a indústria vem passando por mudanças, tendo diversas firmas encerrando suas atividades nos últimos anos (algumas das quais obsoletas).

Os agricultores dispondo de maior numerário proveniente dos bons preços obtidos na safra anterior, passaram a utilizar mais adubação, correção do solo e moto-mecanização.

Os preços da matéria-prima mantiveram-se altos no decorrer do primeiro semestre de 1972 com tendência de baixa para o final do ano. Apesar dos preços relativamente altos no ano anterior não é esperado grande aumento de plantio para o período que ora se inicia (quadro 5.12).

QUADRO 5.12. - Evolução do Plantio de Mandioca nos Últimos Quatro Anos e Perspectivas para o Próximo Plantio, Estado de São Paulo, 1972

DIRA	Participação relativa no total do Estado	Tendência 1972/73 p/área de plantic
Araçatuba	2,8	estabilização
Baurū	38,2	aument o
Campinas	18,4	estabi liza ção
S.Paulo (Gr. e exterior)	2,1	estabilização
Presidente Prudente	7,0	estabilização
Ribeirão Preto	6,8	estab.ou dimin.
S.José do Rio Preto	15,4	estabi liza ção
Sorocaba	6,7	diminuição
Vale do Paraíba	2,8	diminuição

Com a melhoria das condições de infra-estrutura para a exportação e menores custos unitários, a produção deverá doravante situar - se em tôrno de unidades de peletização. É possível antever-se também alterações na tecnologia da produção agrícola, devendo para os próxi - mos anos ocorrer bom desenvolvimento da cultura.

5.11 - Milho

5.11.1 - Panorama internacional

O milho, em 1971/72, caracterizou-se pela recuperação da safra dos Estados Unidos, dos efeitos prejudiciais causados pela "helmin tosporiose" à safra anterior, possibilitando um recorde na produção mundial que totalizou cerca de 272 milhões de toneladas, ou seja 18% superior à precedente e 3% sobre o recorde de 1967.

Além da elevação da produção americana, houve pequenos aumentos em quase todos os países, sendo as quedas de produção experimentadas por um número reduzido deles, entre os quais a Argentina que
produzira quase 10 milhões de toneladas no ano passado, não atingindo
a 6 neste ano.

A intenção de plantio para a safra 1972/73, no Hemisfério Norte, com início em maio e junho, indica uma redução de área de cer ca de 8% nos Estados Unidos, porém um aumento nos países europeus.

Nos Estados Unidos, isto deveu-se aos grandes estoques existentes no País e ao maior estímulo dado a outras culturas, notadamente soja e algodão. Se a safra estadunidense ocorrer em condições climáticas normais, espera-se naquele País uma produção aproximada de 127 milhões de toneladas.

A oferta americana em 1971/72 foi de 138,5 milhões de toneladas originárias da produção, acrescidas do "carry-over" de 1970/71 (16,5 milhões de toneladas), totalizando 155 milhões de toneladas.

Com um consumo aparente total de 122 milhões de toneladas, a previsão dos estoques no início de setembro do ano em curso deverá ser quase o dobro do experimentado no ano passado, ou seja, 33 milhões de toneladas. Se a esse total for acrescido a safra vindoura esperada - 127 milhões de toneladas, a oferta global dos Estados Unidos será, na colheita, a ter início em setembro, de 160 milhões de toneladas.

5.11.2 - Situação interna

A safra brasileira de 1971/72 foi superior em cerca de 10% aquela colhida no ano anterior, e caracterizada por longo período de

estiagem e ataque intenso de "helmintosporiose" no Paranã.

Condições climáticas propícias permitiram a obtenção de boas colheitas em São Paulo, Paraná e Minas Gerais principalmente.

No Estado de São Paulo, apesar de esforços governamentais houve diminuição na area total cultivada com milho, de cerca de 11,4%, mas graças ao rendimento recorde de 2160kg/ha a produção atingiu 3.240 mil tomeladas (quadro 5.13).

QUADRO 5.13. - Área, Produção e Rendimento de Milho, Estado de São Paulo

Ano Agricola	Ārea (1.000 ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	1.573,0	2.550,0	1.620
1968/69	1.246,3	2.740,0	1.396
1969/70	1.476,2	2.820,0	1.910
1970/71	1.694,0	2.760,0	1.629
1971/72(¹)	1,500,0	3.240,0	2.160

⁽¹⁾ Previsão.

O ano de 1971, ao contrário das previsões iniciais, não foi tão favorável à exportação de milho, como o anterior, quando conseguiu se o acorde de 1.470 mil toneladas pelos Portos de Paranaguá e Santos.

Mesmo assim, apesar do arrefecimento verificado nas cotações internacionais, aliado à diminuição da produção, ainda conseguiu-se marca relativamente boa - 1.270 mil toneladas, que se destinaram principalmente à Italia, Espanha e Japão, graças aos incentivos fiscais, e melhorias advindas dos investimentos na infra-estrutura de exploração (quadro 5.14).

QUADRO 5.14. - Exportação de Milho pelos Portos de Santos e Paranaguã, 1968-72 (toneladas)

An o	Santos	Paranaguá	Total
1968	629.736	559.123	1.188.859
1969	293.073	297.294	590.367
1970	582.650	864.690	1.447.340
1971	421.749	836.659	1.258.408
1972 (1)	400.000	800.000	1.200.000

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Associação Nacional de Exportadores de Cereais (ANEC).

Ressalte-se que o montante exportado nos primeiros meses do ano de 1971 foi excedente da safra 1969/70, uma vez que o maior volume escoado verifica-se no período maio/setembro.

Deve-se considerar as implicações futuras sobre o destino do milho brasileiro, uma vez que as importações dos países do Mercado Comum Europeu certamente declinarão com a imposição de taxas protecionistas, a fim de estimular a produção de milho e outros cereais na Comunidade.

A necessidade da expansão de outros mercados, notadamente o Japão, que tem demonstrado grande interesse em obter o cereal brasileiro, e de primordial importância para uma fixação definitiva do País como tradicional exportador. Para tanto será necessário eliminar ao máximo as deficiências de infra-estrutura, e reduzir dessa forma os custos, para que possa haver possibilidade de competição com outros fornecedores mundiais, notadamente Estados Unidos.

A exportação em 1972 será provavelmente semelhante a do

ano passado, estando entretanto condicionada aos preços baixos que vigoram no cenário internacional e que, certamente, prejudicarão a comercialização do milho.

Em 1970, houve grande aumento nas cotações internacionais do milho com a diminuição do "carry-over" dos Estados Unidos.

Ja em 1971, com a recuperação da produção estadunidense, ho<u>u</u> ve uma deterioração dos preços do produto brasileiro no comércio internacional passando de US\$ 62,00/t - FOB, em janeiro para US\$ 55,00 ao final do ano.

No corrente ano, os preços estão em torno de US\$ 53 - 54/tonelada FOB e o mercado encontra-se bastante paralisado. Pelo porto de
Santos, de janeiro a maio de 1972, saíram apenas 3.000 toneladas de
grão, enquanto que por Paranaguã o total chegou ao mesmo período a cer
ca de 25 mil toneladas. Números esses reduzidos para a época.

No mercado interno, em 1971 os preços aos produtores paulistas estiveram em torno de Cr\$ 14,30/sc de 60kg, variando de Cr\$13,56/ sc de 60kg em abril a Cr\$ 17,78 em dezembro.

Já em 1972, no mês de maio, os preços médios ponderados estiveram em torno de Cr\$ 15,76/sc de 60kg, correspondendo em média a um acréscimo de 16% em relação aos preços do mesmo período do ano anterior (quadro 5.15).

QUADRO 5.15. - Preços Médios Recebidos pelos Produtores Paulistas de Milho, 1968-72 (Cr\$/sc de 60kg)

Mês	1968.	1969	1970	1971	1972
Jan.	6,66	8,81	15,26	13,65	19,88
Fev.	6,30	8,31	16,30	14,04	19,91
Mar.	6,54	7,96	13,39	13,83	19,57
Abr.	6,04	7,99	10,86	13,56	17,31
Mai.	6,07	8,57	8,96	13,62	15,76
Jun.	5,99	9,44	9,63	13,70	14,73
Jul.	5,98	9,61	10,07	14,46	
Agô.	5,88	10,03	10,34	14,66	• • •
Set.	5,99	11,58	12,23	14,43	
Out.	7,08	13,48	13,05	14,73	
Nov.	8,36	14,43	12,99	15,12	• • •
Dez.	8,58	14,92	12,92	17,78	

Devem ser realçados, porém, os acrescimos verificados nos cus tos de comercialização (colheita, sacaria, debulha e carreto) que passaram de Cr\$ 4,35, em maio de 1971, para Cr\$ 5,90 em maio de 1972 (36%).

5.11.3 - Perspectivas

Caso não haja uma melhoria sensível nos preços atuais e dependendo da influência do preço mínimo para a safra 1972/73, é possível que ocorra uma redução na área cultivada, conforme pôde ser aferido nas principais regiões produtoras do Estado.

Por outro lado, analisando o comportamento da área em milho, no último quinquênio, evidenciou-se pequena variação anual em
torno de 1,5 milhão de hectares. As projeções "moderada"e "otimista"
de oferta ($S_1 = 2.883$ mil toneladas e $S_2 = 3.579$ mil toneladas) refletem principalmente esse comportamento, aliado ao acréscimo subs tancial no rendimento da safra 1971/72 (+ 480 kg/ha)

E possível que São Paulo alcance a estimativa de oferta "moderada".

No momento, o mercado do produto passa por grandes transformações (não captadas nos modelos estimativos), que dificultam um prognóstico mais objetivo. Infelizmente as perspectivas de venda para o exterior não são alvissaneiras, malgrado a redução prevista na oferta de milho argentino. É que a relação entre os preços internos e internacionais do produto não se mostra, no momento, favoravel as exportações.

5.12 - Soja

5.12.1 - Panorama internacional

A produção mundial de soja, nos últimos anos, vem apresen - tando incrementos sucessivos e, em 1972, está completando o oitavo recorde consecutivo de produção. Os Estados Unidos continuam manten do uma targa supremacia tanto na quantidade produzida, como na exportada, seguindo-se-lne a República Popular da China e, em terceiro lugar, o Brasil.

A estimativa mundial, de 1971/72, é de 47,2 milhões de toneladas, com os EE.UU.produzindo cerca de 70%, a China 20% e o Brasil 6%.

Para a safra 1972/73 espera-se um crescimento de cerca de

6% na produção mundial de soja, devendo alcançar 50 milhões de toneladas. A maior colheita deverá ser a dos EE.UU. com 33,8 milhões de toneladas, cerca de 6,3% sobre a atual. A China deverá apresentar uma produção próxima a dos últimos anos, em torno de 10 a 11 milhões de toneladas.

A comercialização internacional da soja atingiu, em 1971, a 12,3 milhões de toneladas e, em 1972, estima-se a elevação desse total para 13,1 milhões. O Japão é o maior importador individual de soja e suas compras nos últimos dois anos giraram em torno de 3,2 milhões de toneladas. Espera-se que, novamente, em 1972, suas importações ultrapassem esse montante.

Por seu lado, os EE.UU. são os maiores exportadores mundiais de soja, contribuindo com cerca de 83% do total comercializado internacionalmente.

Tendo em vista a situação do mercado mundial dos principais grãos oleaginosos em geral e, em particular, da soja que nos últimos anos tem apresentado um consumo aparente em ascensão, que vem superando os incrementos da produção e, consequentemente, reduzindo os estoques, a expectativa é de que o mercado internacional da soja permaneça estável com tendência a firme.

5.12.2 - Situação interna

Novos incrementos de preços se verificaram em 1972, vindo atingir US\$140,00/t, nos meses de abril e maio. Essa situação, no entanto, deverá se alterar com o início da safra americana, em agosto proximo, que forçará uma queda de preços. Essas altas constantes nas cotações da soja estão sendo motivadas pelos inexpressivos aumentos das disponibilidades dos óleos de amendoim e girassol, que não tem atendido o crescimento das suas demandas, forçando o consumo do óleo de soja (quadro 5.16).

A produção brasileira de soja tem registrado nos últimos

anos significativos aumentos, que tornaram a produção de 1972 seis vezes superior ao total de 1965.

QUADRO 5.16. - Cotação Internacional de Soja Americana, CIF Rotherdam (US\$/t metrica)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972
Jan.	110	107	107	125	125
řev.	11 i	107	110	125	127
Mar.	110	107	111	124	135
Abr.	109	107-	112	119	140
Mai.	109	107	115	122	140
Jun.	107	105	118	127	• • •
Jul.	107.	105	122	134	• • •
Ago.	106	99	120	131	
Set.	100	95	119	12 4	
Out.	99	99	123	125	
Nov.	104	101	125	125	• • •
Dez.	105	102	121	126	
 Mēdia	106	103	. 117	126	

Fonte: Oil World Weekly.

A colheita de soja na safra 1970/71 foi estimada em 1.900 mil toneladas, cerca de 30% superior à do ano anterior. Na safra atual, 1971/72, a quantidade produzida está sendo estimada em aproximadamente 3 milhões de toneladas, superior, portanto em 58% à safra passada.

O Estado do Rio Grande do Sul continua sendo o maior produtor brasileiro, com cerca de 1.800.000 toneladas em 1971/72, segui-

do do Paraná com 970.000 toneladas e São Paulo com 210.000 tonela - cas. Destacam-se ainda as produções recentes de Mato Grosso (Região ce Douragos), Triângulo Mineiro e Sul de Goiás, além de Santa Catarina (quadro 5.17).

Na última safra (1971/72), a área plantada com soja no Paraná cresceu cerca de 25% e, em São Paulo, 45,4%. Nos últimos anos, os maiores incrementos no cultivo dessa oleaginosa vem se verifican de no Estado do Paraná, onde são mais promissoras as possibilidades de rápida expansão da cultura.

As exportações brasileiras de soja, em 1971, totalizaram apenas 213.426 toneladas, quantidade essa inferior ao total de 1970 em 26.3%.

Esca tendência de queda nas exportações brasileiras de soja em grão vem se verificando nos últimos dois anos, devido ao crescimento interno do consumo de óleos vegetais alimentícios e às crescentes exportações brasileiras de óleo de amendoim. Como as disponibilidades de amendoim para consumo interno vem diminuindo face à relativa estagnação dessa cultura e expressivos crescimentos na exportação de amendoim "in natura" e óleo de amendoim, a soja vem apresentando demanda crescente no mercado interno, para produção de óleo comestível, destinado a substituir o óleo de amendoim exportado e a atender ao aumento da demanda interna.

Face a essa situação, as indústrias passaram a triturar mais soja, colocando o óleo no mercado interno, e a exportar o fare lo de soja e o óleo de amendoim, que apresentaram-se com maiores vantagens em termos de paridade de preços.

No Estado de São Paulo, os preços médios recebidos pelos produtores, em 1971, foi de Cr\$32,01 por saco de 60kg, superior a média de 1970 em 26,2%. Em 1972, os preços se situam ao redor de Cr\$34,00 (quadro 5.18).

QUADRO 5.17. - Produção Brasileira de Soja*nos Principais Estados Produtores (toneladas)

Estado	1966/67	1967/68	1968/69	1969/70	1970/71(1)	1971/72(1)
Rio Grande do Sul	550.814	432.585	597.100	850.000	1.200.000	1.800.000
Paraná	113.292	206.000	253.600	350.000	567.100	966.500
São Paulo	36.600	36.600	60.000	97.800	93.600	210.000
Santa Catarina	9.187	14.827	24.900	20.000	20.000	
Outros estados	5.713	64.464	121.007	143.980	19.300	• • •
Total Brasil	715.606	754.476	1.056.607	1.461.780	1.900.000	3.000.000

⁽¹⁾ Dados provisórios.

Fontes: S.P. - Instituto de Economia Agricola, RS, PR e SC - ETEA e Ex-SEP, do M.A..

QUADRO 5.18. - Preços Médios de Soja Recebidos pelos Produtores

Paulistas, 1966-72

(Cr\$/sc de 60kg)

Mês	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972 (¹)
Jan.	12,07	13,25	14,40	17,67	22,28	34,37	34,92
fev.	12,07	13,75	17,50	18,14	25,67	30,00	33,02
Mar.	12,33	12,18	14,67	15,00	20,33	29,18	31,54
Abr.	13,16	11,22	16,08	19,50	20,59	30,36	33,60
Mai.	14,34	10,82	17,50	20,10	20,76	29,92	35,26
Jun.	12,82	12,66	16,64	19,36	23,09	30,93	35,69
Jul.	12,84	12,66	17,67	22,42	26,07	32,53	
Ago.	11,58	12,66	18,57	20,12	26,42	34,71	
Set.	11,82	13,27	17,96	18,96	26,74	35,24	• • •
Out.	11,82	13,27	14,00	24,41	28,74	35,85	• • •
Nov.	11,76	14,60	16,00	23,86	30,41	35,78	• • •
Dez.	14,33	14,20	18,40	25,86	32,34	36,84	• • •
Média	12,92	12,97	16,62	20,46	25,35	32,01	34,00

⁽¹⁾ Preliminar.

5.12.3 - Perspectivas

O comportamento tanto do mercado interno quanto do mercado externo da soja dependerá, forçosamente, não so das disponibilidades e demanda de soja, como também dos seus produtos substitutos, principalmente amendoim, girassol e caroço de algodão.

No campo internacional, as produções dessas oleaginosas deverão apresentar acrescimos de 4%, em media, em 1973. Porem, devido aos estoques reduzidos previstos para fins de 1972, pode-se admitir que as disponibilidades de grão oleaginosos, em 1973, sejam normais, tudo indicando que o mercado para esses produtos e respectivos óleos e farelos se mantenha pelo menos calmo, com tendência a firme.

O crescimento da demanda de oleos vegetais comestiveis e farelos de oleaginosas no mercado internacional e um fato concreto mot \underline{i} vado pelo crescimento ao consumo de oleos per-capita e pelo crescimento aos rebanhos europeus.

No que diz respeito as perspectivas da situação interna, ad mite-se nova expansão da área em cultivo (em torno de 30%), visto que a atual safra foi comercializada a preços considerados satisfatorios pelos produtores que se encontram animados com a cultura.

5.13 - Tomate

5.13.1 - Panorama internacional

A produção mundial de tomate vem crescendo ao redor de 5,3% ao ano, tendo alcançado 28,3 milhões de toneladas em 1970, conforme a última estimativa divulgada pela FAO. Os maiores produtores são os Estados Unidos, Itália, Turquia e Espanha.

5.13.1.1 - Produto natural

As transações internacionais de tomate natural são estacio nais e complementam os deficits dos períodos de entre-safra de alguns países onde o clima é mais definido com inverno frio, impróprio para o seu cultivo. O preço médio anual das exportações, no período de 1964-70, oscilou de US\$ 154 a US\$ 171 - FOB por tonelada, variável de ano para ano. Os tomates produzidos no Brasil são variedades de paladar desconhecido, o que limita sua colocação nos mercados inter-

nacionais, restringindo-a apenas aos mercados platinos.

Na Argentina, o nosso produto é considerado inferior por causa do seu pequeno tamanho. Por outro lado, o mercado brasileiro não aceita as variedades utilizadas naquele País por serem menos ácidos e de pouca resistência ao transporte.

As exportações brasileiras para a Argentina e Uruguai são ir regulares e dependem das condições climáticas nesses países, principal mente de geada.

QUADRO 5.19. - Exportações Brasileiras de Tomate, para Argentina Uruguai. 1963-71

,			•
An o	V olume (1.000t)	Valor total FOB (US\$ 1.000)	Valor médio FOB (US\$/t)
1963	0,28	3 1	112
1964	2,25	3 4 5	. 153
1965	2,96	561	189
1966	8,21	1.522	185
1967	6,57	797	121
1968	1,92	234	122
1969	12,80	2.748	214
1970	9,36	1.855	197
1971`	0,58	•••	•••

Fonte: Departamento de Estatística do Estado de São Paulo.

Recentemente, o govêrno argentino (Dec. 2303) suspendeu as importações de tomate da área da ALALC, o que poderá vir a agravar o problema de preços baixos no mercado de São Paulo, nos meses de julho a outubro do corrente ano.

5.13.2 - Produto industrializado

Observa-se maior intercâmbio comercial de extratos concentrados e sucos de tomate no mercado mundial, cuja demanda é crescente, mesmo dentro dos países grandes produtores como Estados Unidos, Itália e Portugal. Já no caso do tomate "pelado", a demanda é decrescente para o produto português e italiano, talvez por causa da intensificação do intercâmbio de produtos naturais, que são vendidos a preços competitivos no período de entre-safra dos países importado res.

A cotação dos produtos industrializados varia de acordo com a qualidade e exigência dos diversos mercados, como é o caso dos extratos concentrados exportados por Portugal (1971: de US\$ 250 a US\$ 310 FOB por tonelada).

Para a colocação do produto brasileiro no mercado internacional, deverá haver antes uma modificação no tipo de produto final, elaborado pela indústria, uma vez que o produzido atualmente não tem aceitação nos mercados mais exigentes, mesmo a preços competitivos. Para tanto, vem as fábricas paulistas envidando esforços no sentido de procurar atender esses requisitos, o que exigirá entre outras medidas a mudança de variedades plantadas e, por conseguinte, a colaboração dos produtores no sentido de acatarem as novas instruções de cultivo, que vierem a ser divulgadas pela Secretaria da Agricultura.

Ao mesmo tempo, nova fábrica do ramo em vias de instalarse brevemente, em São Paulo, já está nesta safra pesquisando o compo<u>r</u> tamento de 7 novas variedades importadas, nas condições ecológicas de tres diferentes áreas do Estado.

5.13.2 - Situação interna

5.13.2.1 - Tomate envarado

A area plantada de tomate envarado no Estado aumentou, de 6.300ha em 1971, para cerca de 7.900ha em 1972, ou 25% a mais. Antes da geada, esperava-se aumento de 20% na produção de tomates destina-dos ao mercado em 1972.

O aumento de area será maior nas culturas que serão colhidas durante o período de julho a outubro, o que poderá deprimir os níveis de preços no atacado, fato este que será agravado com a proibição de importação de tomate pela Argentina, nosso principal comprador (90%). O mesmo poderá ocorrer com relação à praça da Guanabara, para onde era enviada ponderável parcela de produção que, todavía, vem decrescendo em face ao aumento de plantio no Estado do Rio de Janeiro.

5.13.2.2 - Tomate rasteiro

Conforme informações do setor privado, a area plantada de tomate rasteiro do Estado, diminuiu de 18 mil hectares em 1971 para cerca de 11 mil hectares em 1972, ou seja, redução da ordem de 40%. Por outro lado, espera-se que haja aumento na produtividade, pois houve uma redução de grande número de pequenos produtores ocasio - nais, que no ano passado sofreram graves prejuizos. Pequenos produtores foram desestimulados pela política adotada pela propria industria, que impôs restrições por ocasião da distribuição de sementes.

Houve também deslocamento da área de produção no sentido oeste, alcançando Catanduva e Santa Adélia onde a produtividade é de 20 a 30% maior do que na tradicional área de Taquaritinga e Monte Alto. Nestas áreas observa-se enfraquecimento do solo, infestações de doenças e ocupação de melhores terrenos pela cultura de citros e outras frutas, diminuindo as áreas cultivaveis de tomate.

5.13.3 - Produção e abastecimento

No computo total, a produção de tomate no Estado, na safra de 1972, poderá ser inferior a 5% em relação a 1971, podendo vir a ca<u>u</u> sar menor abastecimento de matéria-prima industrial.

Partindo-se do princípio de que o consumo "in natura" poderá aumentar em 5%, a indústria deverá sofrer uma redução no seu abastecimento, da ordem de 10 a 15%, a qual dependerá, em parte, do comporta mento do mercado de produto fresco.

O estoque de polpa existente, da safra de 1971, adicionado ao que foi moldo nos primeiros cinco meses de 1972, com matéria-prima proveniente das culturas envaradas da região Sul do Estado, por ora , não deverá diminuir a oferta de extrato concentrado de tomate no merca do.

QUADRO 5.20. - Produção e Industrialização de Tomate no Estado de São Paulo, 1967-72

Ano	Produção total do Estado (1.000t)	Produção da cultura envarada (1.000t)	Produção da cultura ras- teira(1.000t)	Volume indus- trializado (1.000t)
1967	391	2 17	174	135
1968	419	275	144	170
1969	381	223	158	180
1970	440	286	154	210
1971 .	450	240	210	225
1972(1)	430	290	1 40	190

⁽¹⁾ Previsão.

O preço médio de tomate no mercado atacadista da CEAGESP, no período de janeiro a junho de 1972, foi 10% inferior em relação ao me<u>s</u>

mo período de 1971, com redução de Cr\$ 19,90 para Cr\$ 17,93 por caixa de 25 quilos. Por outro lado, o preço médio esperado para o segundo semestre deverá ser maior do que a média de Cr\$ 11,70 por caixa, em 1971, em consequência do desvio para indústria, de substancial parcela de produção.

Em vista do quadro descrito, é possível que cerca de 50% da produção de tomate envarado da região de Campinas se destinarão às in dustrias, contra 40% estimados na safra 1971. Todavia, essa estimativa poderá ser alterada pela geada.

Os preços pagos pelas fábricas de Jundiaí e Cajamar, durante o ano de 1971, foram de Cr\$ 2,80 por caixa de 24 quilos, aumentando para cerca de Cr\$ 3,50 por caixa na atual safra (19 semestre) e de vendo manter-se até o final do ano.

Ao início da safra de tomate rasteiro, as fábricas da região de Taquaritinga estavam comprando a preços que variavam de Cr\$ 0,16 a Cr\$ 0,20 por quilo, posto fábrica, contra Cr\$ 0,10 a Cr\$ 0,14 por quilo pagos na safra anterior. De maio a junho, 20 a 30% da produção da região de Taquaritinga foram enviados para o mercado "in natura", onde alcançaram em média Cr\$ 0,30 por quilo, líquido na fonte.

5.14 - Aves

5.14.1 - Panorama internacional

Tudo indica que em 1971 estabeleceu-se recorde na produção mundial de carne de aves. A estimativa para os 16 principais países produtores é de 8,8 milhões de toneladas, o que corresponde a um aumento de cerca de 13%, relativamente ao ano de 1970.

Esta grande produção mundial e os grandes estoques anterior mente formados poderão limitar, ainda mais, a possibilidade de que no

vos países possam participar desse mercado.

Os preços internacionais, principalmente para frangos inte<u>i</u> ros, permaneceram baixos e somente o benefício dos subsídios, política adotada por diversos países, permitiu que as exportações fossem su peiores aquela de 1970.

Muitos dos países importadores desenvolvidos estão aplicando algum tipo de ajuda à avicultura, enquanto aqueles em desenvolvi mento enfrentam a necessidade de restringir a importação para poupar
divisas. Desse modo, o comércio internacional representa uma proporção muito pequena do consumo total nos países importadores, o que tem
contribuído para explicar as flutuações de preço. Aumentos relativamente pequenos da produção dos principais países importadores repercu
tem de maneira desproporcional sobre suas necessidades de importação
e, consequentemente, nos preços.

Por outro lado, a política de subsídios adotada pelo Mercado Comum Europeu, a partir de 1962, permitiu um notável incremento ao comércio intracomunitário, ao mesmo tempo que dificultava o acesso do produto de outros países principalmente, para a Alemanha Ocidental (responsável por cerca de 50% do mercado importador). Desse modo, os países fora da comunidade foram obrigados a restringir suas vendas e os Estados Unidos, principal exportador até 1964, participou, em 1969, somente com 15% desse mercado. A partir daí, porém, através de vigorosas campanhas publicitárias além-oceanos, visando a abertura de novos mercados, os Estados Unidos passaram a apresentar aumentos em suas vendas, enquanto os países do Leste Europeu, como Hungria e Bulgária, intensificavam o comércio com países da Asia.

Portanto, as flutuações de produção e preços que comumente ocorrem, mais aquelas causadas pelos fatores estacionais, além da crescente tendência protecionista dos países importadores, tende a agravar a instabilidade da economia mundial de carne de aves, dificultando, a curto prazo, a possibilidade de poder o Brasil competir nesse mercado.

5.14.2 - Situação interna

A exemplo do que aconteceu no cenário internacional, a produção brasileira de carne de aves teria estabelecido novo recorde durante 1971. Em São Paulo, maior estado produtor, a produção de frangos de corte foi de aproximadamente 100 mil toneladas, com um acrescimo de 8% em relação ao ano anterior.

Essa produção foi praticamente uniforme ao longo dos meses, e as variações observadas foram mais consequência de fatores estacio nais e das variações no consumo do produto, durante algumas épocas características do ano. Normalmente, o consumo cai no período das férias escolares e na quaresma, em contrapartida, tem-se aumento na época das festas natalinas.

Somente durante os primeiros meses do ano o setor chegou a enfrentar algumas dificuldades, quando o excesso de produção do ano anterior e a diminuição no consumo, comum nesse período, formaram excedentes que determinaram a queda de preços.

Essas dificuldades foram porém superadas sem maiores problemas e o resto do ano decorreu em clima de relativa estabilidade.

O fornecimento de insumos não sofreu solução de continuid<u>a</u> de, não chegando também a se constatar incidência significativa de doenças.

A média dos preços recebidos pelos produtores, para frangos, durante 1971. foi de Cr\$ 2,21 por quilo vivo, 12% superior ao do ano precedente.

Em termos reais, porém, o preço 2º 1971 foi inferior aquele de 1970 e esse fato, que se vem verificando há muitos anos, não parece suficiente para quebrar o ritmo de crescimento da avicultura, devido ao avanço tecnológico e consequente melhoria no aproveitamento dos fatores de produção.

5.14.3 - Perspectivas

Embora, inicialmente, se esperasse para 1972 aumento na produção de frango de corte por volta de 22%, com base na programação dos produtores de pintos de um dia, na realidade, esse aumento deverá ser da ordem de 8 a 10%, o que não impedirá um ano favorável para a avicultura-setor corte. Durante os primeiros meses do ano, quando os excedentes de produção poderiam causar serias dificuldades, pôde o setor, através de campanhas publicitárias de incentivo ao consumo, e da propria conscientização do criador regulando sua produção, minorar consideravelmente os problemas que, via de regra, caracterizaram a atividade nesse período.

Superada essa etapa crítica, pôde a avicultura retomar o seu ritmo normal de desenvolvimento e os preços formados posteriormente, embora satisfazendo aos produtores, não chegaram a constituir, como anteriormente acontecia, estímulo para que investimentos adicionais fossem aplicados no setor.

Com maior racionalização da produção, além da possibilidade de novas campannas publicitárias de curto prazo, parece ter a ativida de encontrado, dentro das circunstâncias atuais, solução para os seus problemas, e so fatores excepcionais poderão comprometer a sua estabilidade durante 1972/73. A contração no aumento de produção deverá ocasionar excedentes consideráveis de pintos de um dia.

5.15 - Ovos

5.15.1 - Panorama internacional

A produção mundial de ovos, em 1971, (21,6 milhões de toneladas) foi 3% superior aquela do ano anterior, devido principalmente ao grande aumento de produção verificado na América Latina, onde os dados preliminares indicam uma taxa de crescimento de quase 5% relativamente a 1970. Também nos Estados Unidos, destacadamente o maior produtor, a evolução na produção foi favorável, tendo como principal razão, a vacinação em massa, contra a doença de "Marek", efetuada na quele País durante o ano anterior.

Como consequência dessa situação, os principais países produtores apresentaram seus preços internos em níveis inferiores aos de 1970.

No mercado internacional continuam predominando as transa - ções do Mercado Comum Europeu. Assim, embora as exportações apresentassem ligeiro aumento em 1971 (3%), só a Alemanha Ocidental (cerca de 40% das importações) apresentou um incremento em suas compras ao redor de 12%. A exigência do mercado alemão quanto aos aspectos sanitários fez com que diminuissem as exportações da Holanda e Dinamarca, ao mesmo tempo que se intensificaram as vendas por parte da Bélgica e Luxemburgo.

Não deverá repetir-se, em 1972, o aumento na produção mundial de ovos verificada no ano anterior, porque tanto na América Latina como nos Estados Unidos os baixos preços internos vigorantes durante 1971 deverão ocasionar alguma retração na produção.

O comercio internacional deverá apresentar melhores indices nas quantidades exportadas e nos preços, principalmente em consequência da ampliação do mercado alemão.

A falta de tradição e o rigor imposto pelos principais países importadores, quanto aos aspectos sanitários, dificultam atualmente o Brasil de poder competir nesse mercado.

5.15.2 - Situação interna

Devido ao grande aumento na reposição de matrizes durante o ano anterior, a produção paulista de ovos, em 1971, (207.000t) cresceu quase 5% em relação aquela de 1970, constituindo-se no mais alto indice obtido pela atividade em toda a sua história.

Esse aumento de produção foi porém muito mais acentuado du-

rante o segundo semestre do ano, chegando a causar um desiquilíbrio en tre oferta e procura com a formação de excedentes.

A inexistência no setor de um perfeito sistema de estocagem ou qualquer outra midida que pudesse atuar como ação reguladora, fez com que esses excedentes determinassem violenta queda de preços.

A média dos preços recebidos pelos produtores, em 1971, foi de Cr\$ 1,39/duzia, somente 8% superior à média do ano anterior (Cr\$ 1,29/duzia). Todavia essa média calculada somente para o segundo semestre foi de Cr\$ 1,30, praticamente a mesma registrada durante igual período de 1970. A partir de agosto do ano passado, os preços de rações para poedeiras apresentaram alta de 12%, o que veio agravar seriamente o desenvolvimento do setor.

5.15.3 - Perspectivas

Esperava-se para o início de 1972 uma relativa normalização de mercado, devido à redução prevista na produção de ovos em resposta aos baixos preços obtidos pelo produto no semestre anterior.

Ante a perspectiva de melhores preços, criou-se situação ar tificial de alta de preços. Ao mesmo tempo iniciava-se a postura de aves vacinadas contra a doença de "Marek", ocasionando grande aumento de produção. Com o aumento da oferta e a retração do consumo forma ram-se novos excedentes e os preços cairam, continuando praticamente sem interrupção, nos primeiros meses de 1972, a crise no setor.

No entanto, a partir da metade do primeiro semestre, a redução natural de produção, comum nessa época, a campanha publicitária visando o incremento no consumo de produtos avicolas e o abandono da atividade em razão dos baixos preços recebidos, ocasionaram a normalização do mercado, com os preços apresentando sucessivas reações e situando-se, finalmente, a níveis satisfatórios.

Espera-se para o segundo semestre de 1972 maior produção, jã

que de modo geral aumenta durante esse período o índice de postura das aves. Os preços, apesar de inferiores aos atuais (junho), deverão ser superiores aqueles obtidos em 1970 e 1971. Além disso, a intensificação de campanhas publicitárias visando incrementar o consumo de ovos poderá atenuar possíveis desiquilíbrios entre a oferta e procura.

5.16 - Pecuaria de Corte

5.16.1 - Panorama internacional

A produção mundial de carne bovina, atualmente ao redor de 38 milhões de toneladas, corresponde a cerca de 45% do volume total das carnes produzidas.

Estudos da FAO estimam para esta decada uma taxa de crescimento da produção, da ordem 1,8% ao ano, acrescentando ainda que os
maiores incrementos deverão ocorrer nos países em desenvolvimento. Igualmente, os mesmos estudos estimam um crescimento anual da demanda
ao redor de 3,0%, permitindo antever uma escassez acumulado do produto,
a qual, para 1980 está estimada em 1.500 mil toneladas.

O comércio mundial no ano de 1972 poderá ser mais intensificado, relativamente ao ano anterior, com a eliminação temporária ou abrandamento das restrições às importações adotadas pelos Estados Unidos, Reino Unido e Mercado Comum Europeu, em decorrência da acentuada tendência de alta do produto, nos seus mercados internos. A despeito das maiores ofertas de certos países desenvolvidos, espera-se que os preços internacionais continuem em alta. A cotação média da carne argentina no mercado internacional, nos 4 primeiros meses do corrente ano, foi em média 17% superior aos preços do mesmo período de 1971. houve também uma elevação em torno de 13% da carne brasileira destinada ao mercado italiano, no mês de junho de 1972, com relação ao mesmo mês de 1971.

5.16.2 - Situação interna

Foi de aproximadamente 440 mil toneladas a produção paulista de 1971, correspondendo a perto de 26% da produção brasileira.

QUADRO 5.21. - Evolução da Produção de Carne Bovina no Estado de São Paulo, 1965-71

Ano Peso	Pose tetal des		odução Cr\$1.000
	Peso total das (t)	Corrente	de 1969
1965	491.878	277.572	737.047
1966	417.691	452.067	870.531
1967	451.200	505.344	757.978
1968	450.000	557.400	673.107
1969	484.000	680.504	680.504
L970	415.000	847.708	707.662
1971	440.000	1.261.348	874.291

Terminado o período de intervenção direta do Governo Federal no mercado de carne (1970) reavivaram-se os ânimos dos pecuaristas, sobretudo dos criadores, que sofrem os maiores efeitos de uma variação de preço no mercado de carne.

Em 1971, houve uma oferta de carne da ordem de 6% superior a 1970 e para o corrente ano a estimativa feita pelo IEA em março de 1972, indicou aumento de 13% relativamente a 1971. Outras fontes parecem confirmar os prognósticos feitos pela Secretaria da Agricultura. Assim, os frigoríficos associados ao Sindicato da Indústria do Frio do Estado de São Paulo abateram, nos meses de janeiro a maio do corrente ano, 458.502 cabeças, cifra correspondente a 20% a mais que as matanças efetuadas em igual período de 1971. Os abates re-

gistrados pelo Serviço Federal de Inspeção no Estado de São Paulo e Mato Grosso foram igualmente superiores, da ordem de 40% de janeiro a abril do presente ano, em relação ao anterior.

Fato importante a registrar-se nos abates de S.Paulo e nato Grosso é a redução nas matanças de fêmeas, cuja participação relativa diminuiu de 17,5% em 1970, para 10,6% em 1971. Isto, com base nos dados da DIPOA (Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal).

Essa tendência para retenção de fêmeas já era esperada com a saída da SUNAB do mercado de carnes, dada a valorização ocorrida na cotação dos bois magros e principalmente bezerros. Assim sendo, pode-se esperar, para os próximos anos, que continue aumentando a oferta de boi gordo, a despeito ia transferência de muitas matrizes de São Paulo para as áreas da SUDAM e SUDENE.

Pelo indice de variação estacional do preço do boi gordo em São Paulo, no periodo 1961-68, a diferença maior de preços de safra e entre-safra foi de 14%, ocorrida entre os meses de junho e novembro.

Em 1970, a maior diferença verificou-se entre os meses de janeiro a dezembro, com a oscilação em torno de 38%. No ano seguinte, porém, a variação máxima foi de apenas 5%, tendo a mesma se verificado entre julho e dezembro.

-

QUADRO 5.22. - Preços Médios Reais Recebidos pelos Pecuaristas Boi Gordo, Estado de São Paulo, 1970-72 (Cr\$/2))

Mês	1970	1971	1972
Jan.	21,97	29,56	31,03
Fev.	22,42	29,70	30,94
Mar.	22-,63	29,35	30,80
Abr.	24,28	29,04	• • •
Mai.	23,78	28,97	• • •
Jun.	23,78	28,87	• • •
Jul.	24,91	28,64	
Ago.	26,97	28,82	• • •
Set.	27,19	28,92	• • •
Out.	28,46	30,09	• • •
Nov.	29,33	30,64	• • •
Dez.	30,26	31,03	• • •

de

Deflator: Indice "2" da FGV; Preço medio de 1969 - Cr\$ 20,93 = 100.

A brusca oscilação verificada no ano de 1970, entre os meses considerados de início de safra (janeiro a dezembro) é explicada pelo reajustamento natural porque passaram as cotações, após um período de compressão artificial, determinado pela presença da SUNAB no ramo de abates e comércio de carne. Em 1971, o plano de estoca gem de carne para a entre-safra, juntamente com o estabelecimento de cotas de abates para o período de escassez, fizeram com que a variação máxima não fosse além do valor acima mencionado (5%). Convém mencionar também que, com a suspensão do controle oficial, os preços reais da carne estiveram sempre acima do preço médio pago em 1969.

Espera-se para a proxima entre-safra (agosto a novembro de 1972) que os preços não ultrapassem a Cr\$56,00/Cr\$57,00 a arroba,ten do-se em vista os estoques de carne congelada armazenados para esse período. É provável que seja adotado também o mesmo plano de cotas de abate, visando, como no ano anterior, reduzir a procura do boi.

A ocorrência de imprevistos climáticos (as geadas, do mês de julho), poderá alterar esses prognósticos devido aos efeitos negativos sobre as pastagens. Mudanças nas cotações internacionais (atualmente ao redor de 1.000 dólares/t) poderão, igualmente, afetar os preços internos.

5.16.3 - Exportações

A partir de 1967, o Brasil vem procurando afirmar-se no mercado internacional de carne bovina como grande exportador, o mesmo acontecendo com S.Paulo (quadro 5.23).

QUADRO 5.23. - Exportação de Carne Bovina Brasileira, e Paulista 1962-71

Ano	Brasil (t)	S.Paulo (t)	% de SP/Brasil
1962	23.654	4.804	20,3
1963	18.857	5.235	27,7
1964	26.626	2.581	9,6
1965	53.354	12.680	23,7
1966	53.006	4.243	12,8
1967	19.378	5.127	26,4
1968	58.874	17.347	29,4
1969	93.942	26.344	28,0
1970	114.862	65.398	56,9
1971	123.119	55.189	44,8

Fonte: CACEX e IEA com dados originais da Revista Mensal de Exportação.

As perspectivas para 1972 são de que o País atinja 150.000 toneladas em suas vendas externas. S.Paulo deverá superar as 70.000t, tendo já embarcado 41.530t atémaio, ou seja, 129% de aumento em relação ao mesmo período de 1971.

São muito boas as perspectivas que se abrem para o Brasil, especialmente para o gado zebu, cuja carcaça vem alcançando aceita - ção crescente no mercado internacional.

5.17 - Pecuaria leiteira

5.17.1 - Panorama internacional

A produção mundial de leite, em 1971, foi aproximadamente de 366.000 mil toneladas o que corresponde a um aumento de apenas 0,4% em relação a produção do ano de 1970.

A retração verificada na produção mundial foi principalmente devida às medidas tomadas em 1970 para reduzir os estoques de deriva-dos lácteos, nos países com excedentes de produção.

Espera-se para os próximos anos que o aumento de produção se ja menor em países de renda elevada. Nas nações em desenvolvimento os incrementos deverão ser maiores (FAO).

Para 1972, a oferta deverá ser também levemente superior a de 1971 e inferior ao crescimento anual estimada pela FAO, para a déca da de 1970 (2,1%).

Quanto aos derivados lácteos, a situação mundial no momento é de relativa escassez, tanto assim que alguns países europeus, que antes concediam subsídios, estão impondo sobretaxas às exportações.

Espera-se que, em 1972, haja um ligeiro aumento na produção de derivados de leite, tendência que deverá persistir em 1973. Entre-tanto, deverá naver uma elevação nos preços da maiocia dos produtos lácteos.

5.17.2 - Situação interna

Em 1971, a produção paulista de leite foi ao redor de 1.700 bilhões de litros (24% da produção brasileira), representando aumento de apenas 1,3% em relação a 1970 e, portanto, bem inferior ao crescimento verificado na decada de 60 (3,5% a.a.).

Em contraposição, estima-se que a demanda esteja crescendo a 5% ao ano.

Por outro lado, vem crescendo ano a ano a proporção do leite consumido "in natura", em relação a produção total que de 40% em 1962, é estimada atualmente em 70%. Leve-se lembrar, no entanto, que os preços dos produtos lác teos poderão afetar tal tendência e que São Paulo, juntamente com Minas Gerais, integra uma região que responde por 80% da produção nacio nal de derivados do leite, os quais tem amplas possibilidades de expansão.

Mas, de qualquer forma, está evidenciado o aumento que se observa no consumo do produto "in natura". Apenas para reforçar essa tese, mencione-se o que está ocorrendo no Grande São Paulo, onde o volume de leite distribuído à população tem aumentado em cerca de 74 ao ano, o que sugere, pois, que a demanda efetiva pelo produto de ve superar a oferta, tendo em vista as frequentes crises no abastecimento da Capital. É possível que a falta do produto venha a se acentuar no próximo ano, levando o Estado a recorrer com maior intensida de aos estados vizinnos, sobretudo Minas Gerais (que no momento contribui com cerca de 300 mil litros diáriamente) e Estado do Rio de Janeiro.

A despeito de informações de pecuaristas sobre uma acentuada retração na produção do corrente ano, é bem provável que ela se mantenna no mesmo nível da produção de 1971. Isto pelo fato de que os produtores não mudam facilmente de atividade, o que requer grande investimento em capital. Ademais, na produção de leite predominam os pequenos produtores que, geralmente, não dispõem de recursos financeiros para se iniciarem em outros setores da agricultura.

nã, contudo, certas evidências de que a produção de leite tipo C poderá se retrair num futuro não muito distante. Em algumas regiões, por exemplo, observa-se uma tendência dos produtores de maiores recursos passarem a produzir o leite tipo b. Em outras, as áreas em pastagens e de fácil mecanização cedem lugar à agricultura voltada para exportação.

O principal fator limitante para o aumento da produção e o preço do produto. Em valor real, não nouve variação nos preços recebidos pelos produtores no triênio 1969-71. Esse nível de preço real foi 3,0% inferior ao recebido em 1968 e 104 menor que em 1962.

6-MERCADOS DE FATORES

6 - MERCADOS DE FATORES

6.1 - Panorama internacional

6.1.1 - Fertilizantes

Em fins de 1971 e início de 1972, os preços internacionais de fertilizantes apresentaram acrescimos significativos. A evolução nos preços reais é assim explicada: a agricultura americana, que se encontrava em processo de retração, está em franca recuperação. processo propiciou um acrescimo na demanda de fertilizantes, bem superior ao verificado na oferta. Aliás, para alguns nutrientes a ferta até diminuiu, como é o caso do sulfato de amônio. Tal diminuição na quantidade ofertada desse nutriente é explicada por modificações tecnológicas na obtenção do resíduo, que dá origem ao referido fertilizante. Dessa forma, o residuo da fabricação de plastico, que era liberado na proporção de 1:5, passou para a relação 1:1, ou ja, na tecnologia antiga a obtenção de 1 kg de plástico resultava na liberação de 5 kg de resíduo em forma de sulfato de amônio e atual mente, a produção de l kg de plastico libera l kg de sulfato de amô nio. Tal processo propiciou uma redução na oferta do referido ferti lizante e, consequentemente, acréscimos nos preços, inclusive de ou tros tipos de fertilizantes.

6.1.2 - Tratores

Praticamente inexiste a importação brasileira de tratores agrícolas. Nos dois últimos anos as importações atingiram cerca de 40 unidades anuais, cuja finalidade tem sido mais para testes e demonstrações. As causas dessa repressão são:

- inexistência de financiamento para tratores importados;
- aliquota "ad valorem", alta;
- preço do trator de produção nacional em nível compatível com diversos preços internacionais.

6.1.3 - Defensivos

Tanto nas importações como na produção nacional de defensivos tem se verificado acréscimos significativos nesses últimos 2 anos. O maior incremento, porém, é atribuido aos fungicidas cúpricos.

Dada a campanha encetada contra os inseticidas clorados, DDT e BHC, por questões de poluição, atualmente, nos Estados Unidos, so e-xistem duas fábricas para esses defensivos, a Hooker para BHC e o Mantrose (Stanffer) para o DDT.

No Brasil não foi proibida a utilização do BHC e DDT, e sim proibido o seu uso em certas atividades como nas pastagens e na cultura do fumo.

No mercado internacional de fungicidas, as cinco firmas mai<u>o</u> res fornecedores ao Brasil são: Bayer, Rohsn & Haas, Du Pont, Hoechst e Quimetal, esta última de Santiago do Chile.

6.2 - Situação interna

6.2.1 - Fertilizantes

Conforme notificou-se linhas atrãs, os preços internacionais de fertilizantes sofreram altas sensíveis. Contudo, os efeitos de alta de preços no mercado interno foram amenizados, graças as resoluções tomadas pelo Governo, de modo a não permitir alta violenta no mercado desse insumo.

As principais providências tomadas foram:

a) alargamento da quota de proporcionalidade (compra de fertilizante de produção nacional/compra de fertilizante importado), para as seguintes proporções (quadro 6.1),

QUADRO 6.1. - Quota de Proporcionalidade da Compra de Fertilizantes de Produção Nacional e Importado, Brasil, 1972

	. ~	Proporção de	fertilizante	
Elemento	Região	Anterior	Atual	
	Centro	1:0,3	1:0,6	
	Nordeste	1:3,5	- 1:5,0 ·	
205	Su 1	1:7,5	1:7,5	
	Norte	Isento	Isento	
	Centro	1:1,2	1:1,2	
•	Nordeste	1:1	1:2	
· ·	Su 1	Isento	Isento	
	Norte	Isento	Isento	

- b) redução da alíquota "ad valorem" do imposto de importação do P_2O_5 de 20% para 1% e do sulfato de amônio de 10% para 1%;
- c) dinamização do crédito agrícola através do programa do FUNDAG.

Com a crescente demanda do mercado interno de adubos e a escassez dos nitrogenados, e mais recentemente dos fosfatados, dado ao alto nível de preços internacionais, a indústria nacional não tem tido dificuldades em colocar sua produção a preços razoaveis, que não tem a companhado o ritmo de ascensão dos preços internacionais, face a polí-

tica adotada pelo Conselho de Política Aduaneira (CPA), reduzindo a alíquota do imposto de importação e alargando a quota de proporcionalidade para as regiões Centro e Nordeste.

Alias, a analise da serie histórica de 1964 a 1971 reveloudecrescimo nos preços reais, conforme pode-se verificar no quadro 6.2 e figura 6.1.

QUADRO 6.2. - Evolução dos Preços de Fertilizantes, Estado São Paulo (Preços Médios Ponderados em Cr\$/10t de NPK)

	n a	D 1	Indice simples	(1964=100)
Ano	Preço corrente	Preço real	Preço corrente	Preço real
1964	919,00	1.993,00	100	100
1965	1.696,00	2.346,00	184	118
1966	1.802,00	1.807,00	196	91
1967	1.834,00	1.433,00	200	72
1968	2.228,00	1.401,00	2 42	70
1969	2.603,00	1.356,00	283	68
1970	2.846,00	1.237,00	310	62
1971	3.552,00	1.282,00	3 86	64
Jan.72	4.046,00	1.340,00	440	67
Fev.72	4.067,00	1.320,00	442	66
Mar.72	4.111,00	1.317,00	447	66
Abr.72	4.210,00	1.332,00	458	67

⁽¹⁾ Corrigido pelo índice "2" da Conjuntura Econômica - Fundação Get $\frac{\vec{u}}{1}$ lio Vargas, 1965/67 = 100.

Pode-se concluir que os preços reais de fertilizantes mantiveram-se decrescentes até 1970. Em 1971, iniciou-se uma leve e conti

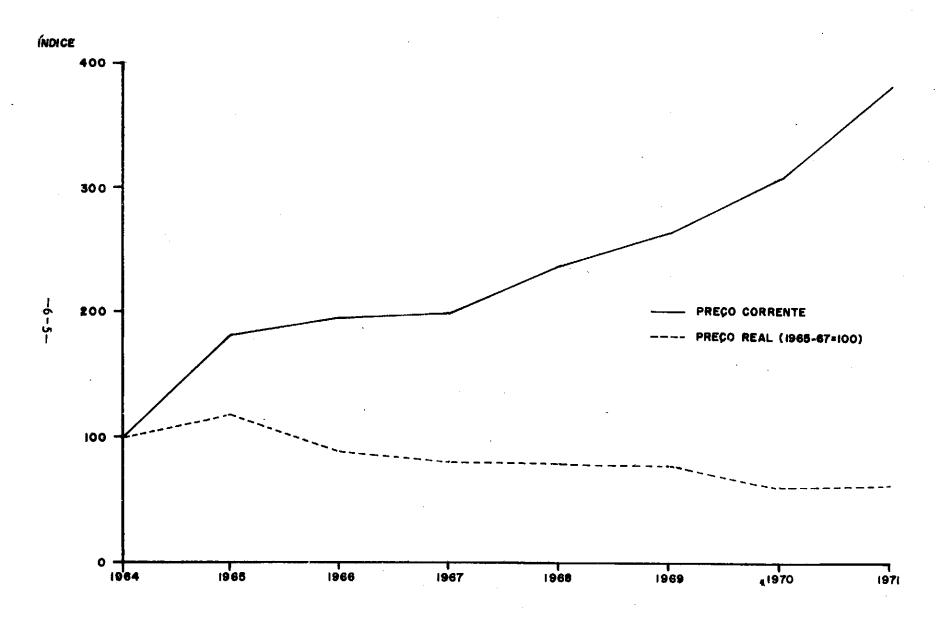


FIGURA 6.1. - Evolução dos Preços Correntes e Reais de Fertilizantes, Estado de São Paulo. 1964-71.

nua reação, a ponto de chegar no primeiro quadrimestre de 1972 a níveis de preços semelhantes ao verificado em 1969.

A tendência dos preços a curto prazo é de manter-se estável. Porém, a longo prazo, a tendência é de alta, visto que a política diferencial de preços (Dumping) praticada por algumas firmas exportadoras tende a desaparecer.

6.2.1.1 - Evolução do consumo aparente de fertilizante no Estado de São Paulo

Durante o período analisado, 1966-1971 e previsão para 1972, houve uma tendência geral de crescimento, embora maiores incrementos tenham verificado-se nos últimos 2 anos (1970 e 1971). O incremento previsto para 1972 é pequeno e acresce ao índice 22%. Em relação ao ano anterior (1971), o acréscimo previsto é de 6,5%, (quadro 6.3 e figura 6.2).

QUADRO 6.3. - Evolução do Consumo Aparente de Fertilizante no Estado de São Paulo, 1966-72

(Em 1.000t de nutrientes totais)

Ano	NPK	Indice 1966 = 100
1966	154	100
1967	220	143
1968	253	164
1969	320	208
197C	426	276
1971	504	327
1972 (1)	537	3 49

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos à retificações.

O movimento das importações de fertilizantes pelo Porto de Santos, pode ser avaliado no quadro 6.4. Estima-se para o 2º semestre volume superior ao registrado no primeiro.

QUADRO 6.4. - Fertilizantes Importados Através do Porto de Santos no 1º Semestre, e Pedidos em Carteira no 2º Semestre de 1972 (Em toneladas)

Mês e período		Mês e período	
Jan.	144.770,7	Jul.	178.000,0
Fev.	121.352,4	Ago.	190.000,0
Mar.	140.194,4	Set.	228.000,0
Abr.	138.077,0	Out.	207.000,0
Mai.	116.488,0	Nov.	144.000,0
Jun.	$160.000,0(^{1})$	Dez.	71.000.0
Total do		Total do	
19 Semestre	820.882,5	29 Semestre	1.018.000,0
Total	1.838.	882,5	

⁽¹⁾ Julho a dezembro, dados preliminares, sujeitos a retificações.

O crescimento do consumo não é somente atribuído ao aumento de área cultivada, mas também é devido ao maior uso desse insumo por unidade de área (quadro 6.5).

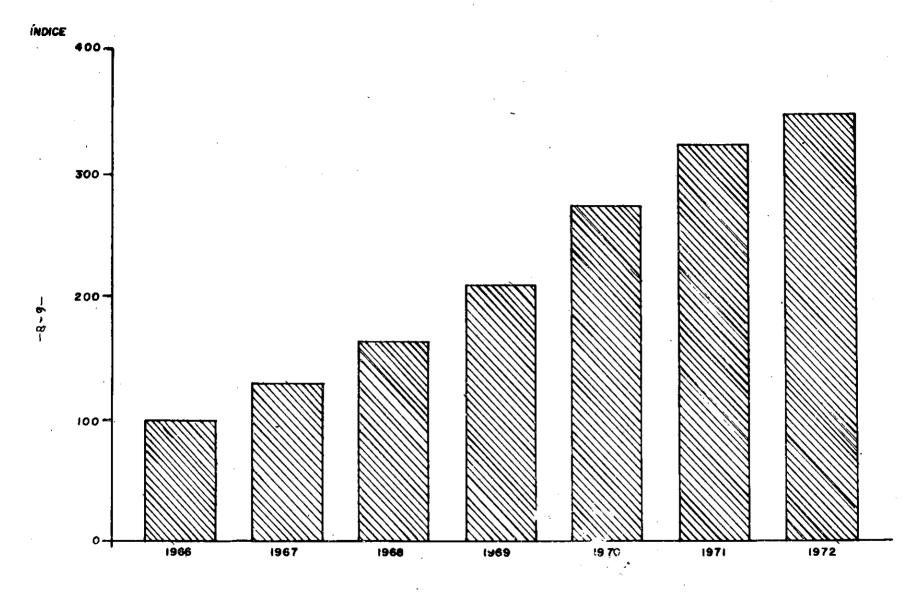


FIGURA 6.2. - Evolução do Consumo Aparente de Fertilizantes, Estado de São Paulo, 1966-72

1

QUADRO 6.5. - Evolução do Cónsumo de Fertilizante, Estado de São Paulo, 1966-72

(Em kg/ha de Nutrientes Totais)

Ano	N P K	Indice 1966 = 100
1966	24,5	100
1967	27,8	113
1968	44,9	183
1969	51,9	212
1970	69,1	282
1971	81,2	355
1972 (¹)	91,0	371

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos à retificações.

Muito tem contribuído para esse contínuo crescimento a política adotada pelo Governo em manter o preço em nível razoavel, ja apontado em item anterior, e os estímulos, em forma de credito subsidiado, concedidos pela FUNDAG.

Com relação ao calcareo destinado à agricultura, a produção e consumo desse corretivo tem apresentado aumentos significativos, sendo que no período de 1966 a 1971 o incremento foi da ordem de 184%, como indica o quadro 6.6.

QUADRO 6.6. - Produção de Calcáreo Moido, para Uso Agricola na Região de São Paulo, 1966-71 (¹)

(Em 1.000t)

Ano	Calcareo moido	Indice 1986 = 100
1986	351,8	100
1967	440,2	125
1968	604,4	172
1969 .	748,6	213
1970	831,9	236
1971(²)	1.000,0	284

⁽¹⁾ Inclui uma unidade produtora localizada em Minas Gerais, mas que destina quase toda sua produção para São Paulo.

O grande aumento da produção e do consumo deve-se em grande parte à campanha do uso de calcáreo encetada pela Secretaria da Agricultura, ao financiamento com prazo de 2 anos e, mais recentemente, à cobertura creditícia dada pelo BADESP (Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo) financiando a produção e o armazenamento do corretivo.

6.2.2 - Tratores

A indústria brasileira de tratores tem apresentado grande variação nas quantidades produzidas dos seus diversos tipos de tratores, quais sejam: micro-trator, cultivador motorizado, trator de esteira e trator de 4 rodas.

Assim, em 1966, quando a indústria brasileira de tratores

⁽²⁾ Dados preliminares, sujeitos à retificações.

encontrava-se em processo de recuperação, os micro-tratores e cultiva dores motorizados representavam cerca de 38% da produção de tratores de 4 rodas. Atualmente, essa participação é pouco superior a 10%. Isto significa que houve um incremento muito grande na produção de tratores de 4 rodas, especialmente para as linhas média e pesada, en quanto os micro-tratores e cultivadores motorizados decresceram no decorrer do período, passando do índice 100 em 1966 para 74 em 1971. Os tratores de 4 rodas no mesmo período tiveram um acréscimo da ordem de 144%, (quadro 6.7).

QUADRO 6.7. - Produção da Indústria Brasileira de Tratores, 1966-71 (Índice 1966=100)

An o	Cultivador motori- zado(1)		Trator de esteira		Trator de 4 rodas	
	Produção	Indice	Produção	Indice	Produção	Índice
1966	3.469	100	13	100	9.069	100
1967	2.231	64	73	562	6.223	69
1968	2.612	75	106	815	9.818	108
1969	2.281	66	91	700	9.548	105
1970	2.474	71	185	1.423	14.048	155
1971	2.556	7 4	770	5.923	22.122	2 4 4
Total	15.623	-	1.238	-	70.828	_

⁽ Inclusive micro-tratores.

Fonte: "ANFAVEA" Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Au to Motores.

6.2.2.1 - Evolução das vendas

A indústria brasileira de tratores vendeu, em 1971, 21.732

unidades, sendo que 9.780 foram vendidas em São Paulo, ou seja, 452 da produção, e 552 para as demais unidades da federação. Em 1967, a participação de São Paulo na venda total da indústria era de 622. É de se notar, portanto, que a participação de São Paulo nas vendas totais da indústria vem caindo, não obstante a sua procura seja crescente (quadros 6.8, 6.9 e figura 3).

QUADRO 6.8. - Evolução das Vendas da Indústria Brasileira de Tratores de 4 Rodas, 1967-72

Ano	Leve	Médio	Pesado	Total	Indice 1967=100
1967	3.377	2.470	624	6.471	100
1968	4.110	3.048	2.277	9.435	146
1969	3.479	4.241	1.959	9.679	150
1970	4.751	6.908	2.553	14.212	220
1971	6.898	10.787	4.047	21.732	336
1972 (¹)	9.300	15.000	5.700	30.000	464

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos à retificações.

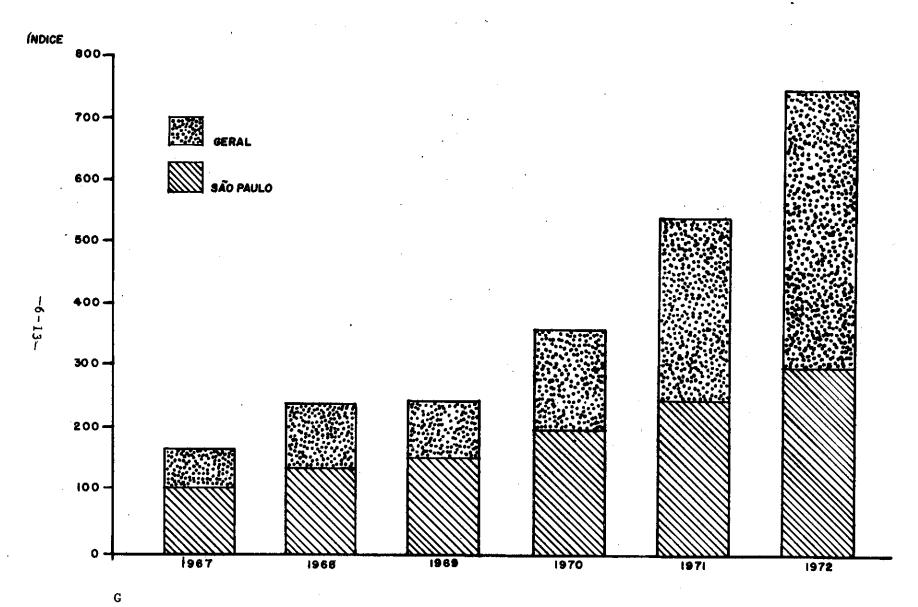


FIGURA 6.3. - Vendas da Indústria Brasileira de Tratores, Geral e Para o Estado de São Paulo, 1967-72

QUADRO 6.9. - Vendas da Indústria Brasileira de Tratores (1) para o Estado de São Paulo, 1967-72

An o	Unidade	Acréscimo anual	Indice 1967=100
1967	4.010		100
1968	5.380	34,2	13 4
1969	5.800	7,8	145
1970	7.817	34,8	195
1971	9.780	25,1	244
1972(²)	12.000	22,7	299

⁽¹⁾ Tratores de 4 rodas.

Enquanto a quantidade demandada em São Paulo cresceu no período de 1967-71, de 144%, as vendas totais da indústria tiveram um incremento no mesmo período de 364%. Os estados que obtiveram maiores acrescimos nos últimos anos, foram: Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

Atualmente, a demanda está ligeiramente superior à oferta, não há estoques e uma das fábricas está trabalhando em sua plena capacidade de produção, sendo que os pedidos em carteira estão sendo atendidos com um mês de demora.

A perspectiva é de chegar no final de 1972 com uma produ - ção de 30.000 tratores de 4 rodas, ou seja, um incremento sobre o ano anterior da ordem de 36%. Preve-se ainda, que a médio prazo a indústria deve crescer à taxa de 20 a 30%. Para tanto, as indús - trias existentes já se encontram em processo de expansão e espera-se a entrada de novas fábricas no ramo, como é caso da Ford, que plane-ja entrar no mercado com todas as linhas, em 1973 ou 1974.

⁽²⁾ Dados preliminares, sujeitos a retificações.

6.2.2.2 - Preços

O crescente aumento das vendas que se vem observando, especialmente a partir de 1970, é condicionado, entre outros fatores, pela melhoria da relação de preços.

O quadro 6.10 e figura 6.4, mostram como tem evoluído es preços corrente e real nos 5 últimos anos, e previsão para 1972.

QUADRO 6.10. - Evolução dos Preços Corrente e Real de Tratores, Estado de São Paulo, 1967-72 (Preço Médio Ponderado em Cr\$/Unidade)

Ano	Preço corrente	Indice	Preço real (1)	Indice
1967	14.536,00	100	11.356,00	100
1968,-	18.141,00	125	11.409,00	101
1969	21.694,00	149	11.299,00	99
1970	24.755,00	170	10.763,00	95
1971	29.380,00	202	10.606,00	93
1972.	30.200,00(2)	208	9.560,00	84

⁽¹⁾ Corrigido pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica Fundação Getúlio Vargas, 1965/67=100.

Pode-se observar que enquanto o preço corrente cresceu em 108%, no período de 1967-71, o preço real, nesse mesmo período decresceu de 16%.

A tendência é de os preços reais, a curto prazo, estabiliza rem-se, visto que é esperado um equilíbrio entre a oferta e demanda desse fator de produção.

⁽²⁾ Dados preliminares, sujeitos à retificação.

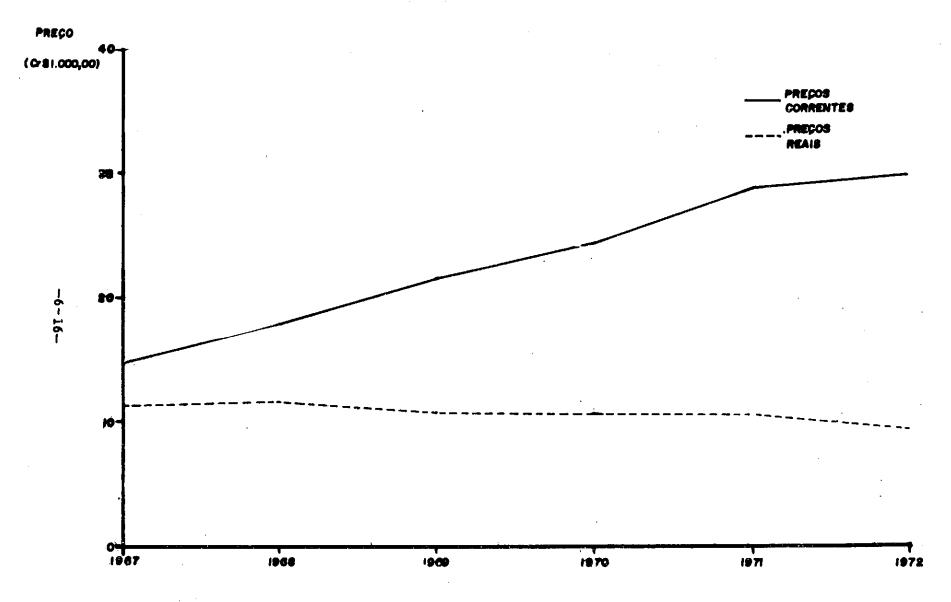


FIGURA 6.4. - Evolução dos Preços Correntes e Reais de Tratores, Estado de São Paulo, 1967-72

6.2.3 - Defensivos

O uso racional de defensivos é uma das práticas agrícolas que tem atuado no condicionamento de melhores produtividades agrícolas.

Embora grande parte dos agricultores tenha conhecimento des se fato, o consumo desse insumo, ainda que crescente, não está ocorrendo em S.Paulo, em níveis compatíveis com regiões de agricultura desenvolvida.

Muito embora, no passado, a relação de preços fora bastante desfavorável para os defensivos, atualmente essa relação (preço do produto/preço do insumo) melhorou em favor do emprego de defensivos. A análise para 3 defensivos selecionados, possivelmente de maior uso na agricultura - Aldrin (inseticida), Dhitane e Manzate (fungicidas), mostra que os preços reais alcançaram os seus picos mã ximos em 1968, quando iniciaram a decrescer e continuam até a presente data (quadro 6.11).

QUADRO 6.11. - Evolução dos Preços, Corrente e Real de Defensivos Estado de São Paulo, 1967-71

Ano	Aldrin (Cr\$/sc25kg)		Dhi (Cr\$	tane /kg)	Manzate (Cr\$/cx25kg)	
	Preço corrente	Preço real(1)	Preço corrente	Preço real(1)	Preço corrente	Preço _l real(')
1967	25,00	19,53	6,78	5,30	168,96	132,00
1968	38,00	23;90	10,04	6,31	225,61	141,89
1969	40,62	21,16	11,00	5,73	231,25	120,44
1970	46,54	20,24	12,34	5,36	255,31	111,00
1971	51,62	18,64	12,63	4,56	298,23	107,66

⁽¹⁾ Corrigido pelo Indice "2" da Conjuntura Econômica-Fundação Getúlio Vargas, 165/67=100.

6.2.4 - Sementes

Cotejando o setor oficial com o particular, nas vendas de sementes de milho híbrido e variedades, produzidas no Estado de São Paulo, para as safras 1970/71 e 1971/72, verificam-se as margens de 60% e 45%, respectivamente, em favor das firmas particulares.

Ha de se considerar que a maior parte das sementes produzi - das pelas firmas particulares são vendidas em outros estados, enquanto que as produzidas pela Secretaria da Agricultura são em maiores propor ções vendidas no proprio Estado.

A soja é outra semente produzida pelas firmas particulares, que ja alcançou volume de vendas quase que equilibrado com a Secreta - ria da Agricultura.

Para as sementes de amendoim, arroz, feijão e trigo, as firmas particulares ainda não ingressaram no processo producivo de modo a atender a demanda do mercado. Dessa forma, o Estado que tem a tradição em produzi-las continua na liderança absoluta, cumprindo assim, a sua função de fornecer supletivamente esse valioso insumo.

No caso específico do algodão, o Estado continua em situação de monopólio e assim deverá permanecer, face aos excelentes resulta - dos obtidos com essa política (quadros 6.12, 6.13 e figuras 6.5 e 6.6), como suporte das observações anteriores.

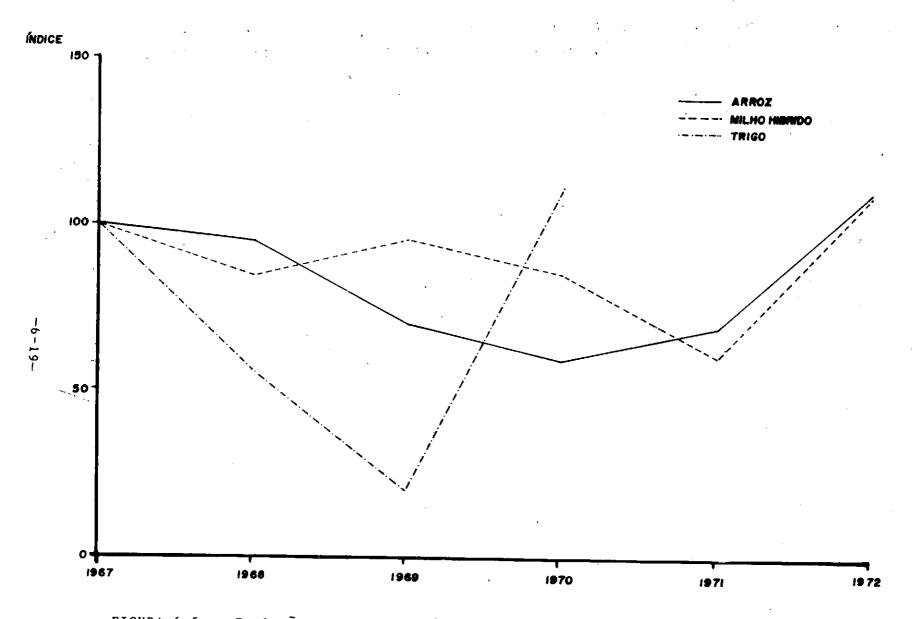


FIGURA 6.5. - Evolução das Vendas até 1971 e Disponibilidade para 1972 de Sementes de Arroz, Milho Híbrido e Trigo, Números indices, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

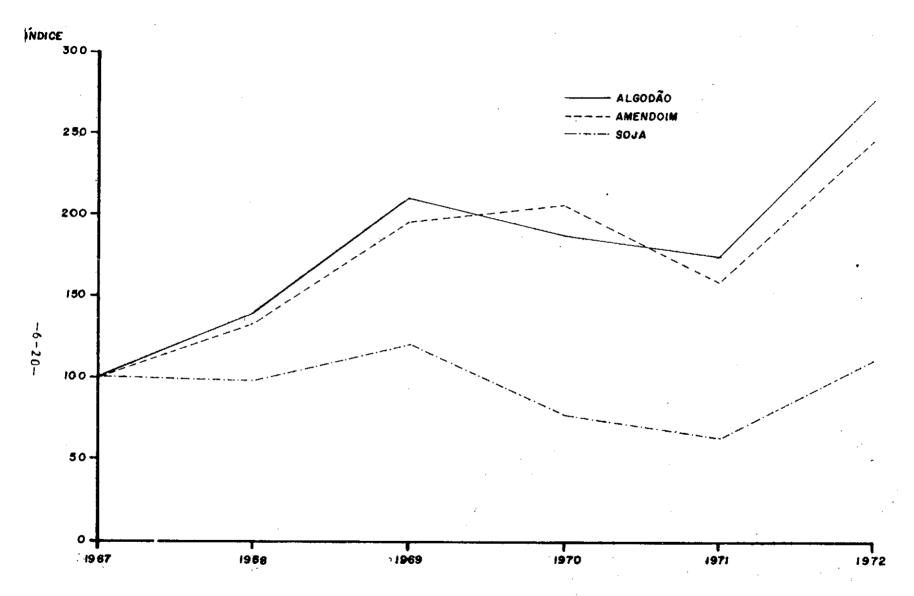


FIGURA 6.6. + Evolução das Vendas atá 1971 e Disponibilidade para 1972 de Sementes de Algodão, Amendoim e Soja, Números Indices, Secretaria da Agricultura do Esta do de São Paulo.

QUADRO 6.12. - Quantidade Vendida das Principais Sementes Produzidas no Estado de São Paulo, pela Secretaria da Agricultura e Firmas Particulares, para a Safra 1970/71 e 1971/72

Semente		etaria da icultura	Fi _l Partio	mas(¹) ulares	Total	
	1970/71	1971/72	1970/71	1971/72	1970/71	1971/72
Algodão (sc30kg)	939.575	1.018.868	• • •	* • •	939.575	1.018.868
Arroz (sc50kg)	69.539	80.728	480	2.470	70.019	83.198
Amendoim (cx20kg)	168.459	124.213	12.800	23.532	181.259	147.745
Feijão (sc50kg)	1.824	3.021	• • •	• • •	1.824	3.021
Milho(²) (sc50kg)	253,396	184.169	406.595	268.026	659.991	452.195
Soja (sc50kg)	35.352	18.648	10.400	12.342	45.752	30.990

⁽¹⁾ Somente sementes certificadas.

^{(&}lt;sup>2</sup>) Milho híbrido e variedade.

QUADRO 6.13. - Quantidade Vendida das Principais Sementes pela Secretaria da Agricultura e Firmas Particulares, no Estado de São Paulo, para as Safras 1970/71 e 1971/72

Semente	Secretaria da Agricultura		Firma Particu	- •	Total	
	1970/71	1971/72	1970/71	1971/72	1970/71	1971/72
Algodão (sc:30kg)	705.860	885.217	•••	•••	705.860	885.217
Arroz (sc50kg)	60.599	80.408	150	74	60.749	80.482
Amendoim (cx.20kg)	129.087	120.838	2.133	7.890	131.220	128.728
Feijão (sc50kg)	1.666	3.009	• • •	•••	1.666	3.009
Milho(²) (sc50kg)	222.361	183.791	165.280	114.400	387.641	298.191
Soja (sc50kg)	34.179	13.508	3.774	9.539	37.953	23.047

⁽¹⁾ Somente sementes certificadas.

6.2.4.1 - Disponibilidade de sementes para a safra 1972/73

O quadro 6.14 mostra que as disponibilidades de sementes para a safra seguinte são bem superiores às vendas verificadas para a safra 1971/72. Os acréscimos são bem significativos e variam desde 32,5% para o algodão, até 545,4% para a soja.

O grande incremento esperado para a soja deve-se, em grande parte, à reação das firmas particulares em entrar na plena produção dessa semente, devido ao grande desenvolvimento que esta cultura está tendo em todo País.

^{(&}lt;sup>2</sup>) Milho hibrido e variedade.

Face à disponibilidade de sementes, os preços deverão perma necer mais ou menos estáveis em 1972/73.

QUADRO 6.14. - Sementes Vendidas pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo e Firmas Particulares, para a Safra 1971/72 e Disponibilidades para 1972/73

Semente	Safra 1971/72 (Vendidas)	Safra 1972/73 (Disponibilidade)	Variação (%)
Algodão (sc 30kg)	1.018.868	1.350.000	32,5
Arroz (sc50kg)	83.198	140.000	68,3
Amendoim (cx20kg)	147.745	300.000	103,0
Feijão (sc50kg)	3.021	7.000	131,7
Milho (sc50kg)	452.195	860.000	90,3
Soja (sc50kg)	30.990	200.000	545,4

6.3 - Terra

No período 1969-72 os valores da terra no Estado de São Paulo vem apresentando crescimento relativamente superior ao do índice geral de preços, isto é, salvo raras exceções, os preços de terra suplantaram as perdas decorrentes da desvalorização da moeda (quadro 6.15). Tomando-se como índice 100, o preço médio da terra em 1969, estes passaram a 139 em 1970, 202, em 1971 e 269, em 1972. Os índi-

ces gerais de preços (FGV) correspondentes a janeiro desses anos ram respectivamente 100, 120, 143 e 172.

Excluindo-se a area abrangida pela região agricola Paulo, onde o uso de terras para loteamentos, construção de fabricas e sítios de recreação poderia distorcer a análise, acrescimos significativos ocorreram nas regiões abrangidas pelas DIRAs de Araçatuba, Campinas, Presidente Prudente e Sorocaba. Por outro elevações maiores registraram-se nas terras para reflorestamento, de cultura de segunda e para pastagem.

Este comportamento encontra explicação, entre outras causas, pela abertura da Via Castelo Branco no fortalecimento econômico da pe cuária de corte e pelos incentivos fiscais, concedidos pelo IBDF para aplicação em reflorestamento.

1969-72 (¹) QUADRO 6.15. - Indice de Preços de Terra,

Terra de	Terra de	cultura			Terra de	Média	Indice "2'	
Ano	de la.	de 2a.	reflores tamento	past <u>a</u> gem	·		FGV	
1969	100	100	100	100	100	100	100	
1970	157	133	130	139	138	139	120	
1971	221	203	190	190	204	202	143	
1972	285	270	262	259	267	269	172	

^{(&}lt;sup>1</sup>) Valores de janeiro.

6.4 - Mão-de-obra

Devido à natureza estacional do emprego agricola, fica difí cil estimar corretamente o número de trabalhadores para o período de Assim, a estimativa de 1,1 milhão representa tão

uma aproximação da média do número de trabalhadores empregados, em 1971/72. O que se pode assegurar é uma nítida tendência de decréscimo, à medida que se vai reduzindo a população agrícola do Estado.

No quadro 6.16, a série geral de salários agrícolas e respectivos indices mostra até 1967 uma defasagem dos salários pagos, em relação tanto ao salário mínimo como ao indice geral de preços. A partir de então e nos anos 1970 e 1971, os indices de todas as categorias de trabalhadores superaram o indice geral de preços (indice "2" da FGV). Todavia, eles permaneceram abaixo do indice correspondente de salário mínimo.

Na safra 1971/72, observou-se evolução, que pode ser considerada normal, dos salários de diaristas e tratoristas residentes, que são trabalhadores mais estáveis. Em contrapartida, os salários dos volantes tiveram elevação mais acentuada, refletindo o dinamismo do mercado, com o aumento da demanda na época da colheita, sem uma resposta imediata da oferta de braços.

Isto ocorreu principalmente no período fevereiro-abril, nas culturas de algodão e milho. Em março, por exemplo, além da itensificação das colheitas de algodão e arroz, inicia-se a do milho e da soja. De outro lado, começa o preparo da colheita de café com a prática da "arruação" e dá-se prosseguimento ao plantio do amendoim e feijão das águas. É portanto um período crítico para o mercado de mão-de-obra.

Alem disso, o desenvolvimento agrícola do sul de Mato Grosso e Goias tem atraído ponderavel contingente de trabalhadores rurais.

As sub-regiões do Estado que mais sentiram o problema da falta de braços, nesta safra, foram: Presidente Prudente, São José do Rio Preto e São João da Boa Vista na colheita do algodão; Orlân-dia, Ribeirão Preto e Itapeva, na colheita do milho.

QUADRO 6.16. - Salários Rurais e seus Índices para o Estado de São Paulo, 1948-72 (¹)

٨٠٠	Diarista	residente	V o l.an	te	Tratorist	a residente
An o	Cr\$/dia	Indice	Cr\$/dia	Indice	Cr\$/mes	Indice
1948	0,016	69	0,020	78	0,59	76
1949	0,018	60	0,022	86	0,65	83
1950	0,022	100	0,024	96	0,76	97
1951	0,027	117	0,027	107	0,87	111
1952	0,031	134	0,034	133	1,04	133
1953	0,033	144	0,037	148	1,14	146
1954	0,038	167	0,049	192	1,27	161
1955	0,047	204	0,060	237	1,56	199
1956	0,055	239	0,063	251	4,88	2 4 0
1957	0,063	275	0,076	300	2,12	270
1958	0,070	305	0,082	323	2,33	297
1959	0,087	377	0,103	407	3,01	384
1960	0,114	493	0,110	435	4,14	528
1961	0,148	643	0,171	684	5,23	671
1962	0,223	970	0,254	1.016	7,84	1.005
1963	0,362	1.574	0,398	1.592	12,82	1.644
1964	0,764	3.322	0,814	3.256	27,13	3.478
1965	1,369	5.952	1,547	6.188	62,36	7.995
1966	1,787	7.770	2,071	8.284	73,45	9.417
1967	2,492	10.835	2,538 1	0.152	86,78	11.126
1968	3,287	14.291	3,700 1	14.800	109,02	13.977
1969	3,970	17.261	4,081 1	6.324	142,80	18.308
1970	5,135	22.326	5,511 2	2.024	183,39	23.512
1971	6,445	28.022	7,071 2	8.284	233,86	29.982
1972(2)	7,460	32.435	8,920 3	5.680	259,29	33.242

⁽¹⁾ Îndices com base no quinquênio 1948-52 = 100. As informações foram obtidas através de levantamento de pesquisa para o período 1948-68. De 1962 em diante, foram agregadas informações da Previsão objetiva de Safras e de 1968 em diante, informações de levantamento Subjetivo sobre salários rurais efetuado 2 vezes ao ano, pelo IEA.

⁽²⁾ Até março.



7 - INFORMAÇÕES DE POLÍTICA AGRÍCOLA

7.1 - Credito Agricola e Tributação

7, 1.1 - Notas

- Resolução nº 209 do Banco Central do Brasil

A partir de 16 de fevereiro de 1972, foram reduzidas as taxas de juros nas operações de crédito rural, porresolução do Conselho Monetário Nacional. Nos diversos tipos de empréstimo as taxas diminuiram de 2% ao ano ou mais, quer seja para o produtor ou para cooperativa.

Mesmo para o Banco Central, que complementava as operações de insumo moderno, para atingir os 17% a.a., subsidiando 10% e o agricultor pagando 7%, agora aquele banco pagará 8% e o agricultor os mesmos 7%.

- Circular no 155 do Banco Central do Brasil

Visando incentivar a atividade pecuária, em harmonia com as diretrizes dos programas de desenvolvimento, decidiu o Conselho Monetário Nacional, estabelecer nova política de crédito para essa exploração rural, compreendendo o financiamento:

- a) convencional de custeio integral, com subsídio para insumos modernos;
- b) especial de capital de giro por bezerro marcado;
- c) de inversões, incluída a aquisição de reprodutores e matrizes.

Custeio de Retenção - Quando se tratar de criadores eficien tes, assim considerados aqueles que disponham de estrutura capaz de reduzir o tempo de preparação para abate de novilhos de corte, poderã o prazo de financiamento elevar-se até 2 anos, nos casos de criadores-recriadores, e até 3 anos, nos casos de criadores-recriadoresinvernistas.

Admitir-se-ã, outrossim, que a cria e/ou a engorda da produção seja feita de parceria com terceiros.

Valor do crédito - Cr\$ 100,00 por cria desmamada do rebanho, machos e fêmeas.

Investimentos - É concedido o crédito, desde que comprovada tecnicamente: a) a conveniencia de inversões em instalações, formação e melhoria de pastos, aguadas, aquisição de maquinaria etc; b) aquisição de reprodutores machos e fêmeas.

- Impostos de Circulação de Mercadorias (ICM)

Quase todos os produtos rurais "in natura" são isentos do ICM na primeira saída do estabelecimento, em que tiverem sido produzidos, para o território do Estado.

As alíquotas de ICM são:

- a) nas operações internas 16%,
- b) nas operações interestaduais e nas exportações 14%.

Estas aliquotas serão reduzidas de 0,5% (meio por cento)em cada exercício a partir de 1º de janeiro de 1973, ficando a 1º de janeiro de 1974, fixadas em 15% (quinze por cento) e 13% (treze por cento) respectivamente.

7.1.2 - Programas especiais

- Programa BID - 256/SF-BR

Recursos: US\$ 35.000.000,00 (trinta e cinco milhões de dolares) proveniente de contrato de emprestimo, celebrado pelo Governo Brasileiro com o Banco Internacional de Desenvolvimento. Executor: Banco Central do Brasil por intermédio de seus agentes financeiros, que são os seguintes bancos: Brasileiro de Descon
tos, América do Sul, Tozan, Antonio de Queiroz, Comércio e Indústria
de São Paulo, Crédito Nacional, Estado de Goiás, Financial de Nato
Grosso, Julião Arroyo, Nacional de Crédito Cooperativo, F. Barreto e
CAC - Regional de Crédito.

Os financiamentos deverão estar condensados em torno das áreas circunscritas às possibilidades de efetiva fiscalização e assistência técnica, e atenderão precipuamente aos Planos Estaduais para Aplicação de Crédito Rural (PESAC).

Beneficiários: pequenos e médios produtores, bem como as cooperativas de produtores rurais. Pequeno produtor entende-se como aquele que possua patrimônio líquido agropecuário total, avaliado em até dez mil dólares (Cr\$ 60.000,00), médio produtor é aquele cujo patrimônio líquido agropecuário total atinja até trinta mil dólares nor te americanos (Cr\$ 180.000,00).

O critério de avaliação é baseado nas declarações feitas ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Prazos máximos e períodos de carência:

- a) curto prazo: até 2 anos incluindo 6 meses de carência;
- b) médio prazo: de 2 a 5 anos, incluindo um a dois anos de carência;
- c) longo prazo: de 5 a 12 anos, inclusive dois a quatro anos de carência.

Limites máximos e mínimos dos créditos para:

- a) pequeno produtor, não inferior a 30 e nem superior a 150 vêzes o maior salário mínimo vigente no País,
- b) medio produtor, não inferior a 50 e nem superior a 500 vêzes o maior salário mínimo;
- c) cooperativas de produtores, não podendo ultrapassar US\$ 250.000,00 (duzentos e cincoenta mil dólares) salvo autorização do BID.

- Programa de Desenvolvimento da Pecuária (Projeto Pecuária de Corte - CONDEPE)

A area de ação do CONDEPE abrange a região Oeste do Estado de São Paulo. Por exemplo, para o Banco do Estado de São Paulo SA, que é um dos agentes financeiros, inclui as seguintes agências:

Adamantina, Andradina, Araçatuba, Assis, Barretos, Bauru, Bebedouro, Birigui, Catanduva, Dracena, Fernandópolis, Cália, Garça, Ibitinga, Itápolis, Jales, Lins, Lucélia, Marília, Novo Morizonte, Olímpia, Osvaldo Cruz, Ourinhos, Palmital, Paraguassu Paulista, Paulo de Faria, Penápolis, Pereira Barreto, Piraju, Pirajuí, Pompéia, Presidente Prudente, Presidente Wenceslau, Quatá, Rancharia, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São José do Rio Preto, Tanabi, Tupã, Uchoa e Votuporanga. Os outros agentes financeiros são os seguintes bancos: Comércio Industria de São Paulo, Brasileiro de Descontos, Financial de Mato Grosso e Mercantil de São Paulo.

Beneficiários:

- a) ser proprietário de fazenda de criação de bovinos para corte, possuidor de rebanho em nível compatível com o plano de investimento,
- b) dispor de recursos próprios comprovados, equivalentes a .
 20% do plano;
- c) comprometer-se a acatar a assistência técnica e a orientação e supervisão na execução do projeto, pela Diretoria Regional do CONDEPE;
- d) comprometer-se a vacinação periodica do rebanho, contra a aftosa.

Prazo: até 12 anos, com período de carência de 3 a 4 anos.

Juros: capitalizados e exigíveis em 30 de junho e 31 de de zembro, no vencimento e na liquidação do emprestimo, podendo o mutu \tilde{a} rio optar por um dos seguintes critérios de cálculo:

a) juros de 12% a.á., com reajuste anual do principal, o primeiro reajuste após o prazo de carência, procedendo-

se de uma so vez, com relação a todo o período de carên cia, considerando a variação do preço do gado em pê,com dedução de até 10 pontos-indice por ano de carência;

- b) juros de 6% a.a., com reajuste do saldo devedor nas for mas abaixo, porém sem dedução de pontos-indice;
 - b 1) mediante aplicação de uma composição de indice cal culado sobre o preço de gado em pe, considerado ba sico o indice apurado no periodo janeiro-junho do ano da contratação do emprestimo;
 - b 2) mediante aplicação de índice elaborado com base nas variações da taxa oficial de câmbio do dolar americano.
- Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais

O Plano Trienal de Renovação e Revigoramento de Cafezais do IBC contém 6 (seis) programas. As especificações de tais programas para o ano agrícola 1972/73 são mostrados no quadro 7.1.

Os programas de formação de mudas e de plantio devem contemplar os estados do Paranã, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Cearã, Rio de Janeiro, Nato Grosso, Goiás e outras áreas que vierem a ser consideradas ecológicamente aptas; os programas de recepa e de fertilizantes abrangerão todas as áreas cafeeiras do País, independentemente do zoneamento ecológico, desde que o cafeicultor tenha aptidão de operar com o sistema nacional de crédito rural e em cujas lavouras sejam recomendadas a recepa e/ou a adubação; o programa de defensivos deverá atingir todas as lavouras necessitadas de tratamento fitossanitário, para controle às pragas e doenças do cafeeiro.

Os agentes financeiros do presente plano, para o Estado de São Paulo são Banco do Brasil S.A. e Banco do Estado de São Paulo S.A..

A elaboração dos laudos de avaliação, planos e projetos

bem como a prestação de assistência técnica de acordo com as normas específicas, dentro dos programas de financiamento à formação de mudas, ao plantio e à recepa serão realizadas no Estado de São Paulo pelos Engenheiros Agrônomos da Secretaria da Agricultura do Estado e das cooperativas em regime de acordo com o IBC.

QUADRO 7.1. - Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais, Ano Agrícola 1972/73

Programa	Recursos Cr 3 1.000	Unidade	Cr\$ por unidade	Período de contratação	Liberação do financiamento	Prazo do resgate	Forma de pagamento	Encargos	Observações
Formação de 200 milhões de mudas	24.000	muda	0,12	de 01/04/72 a 31/12/72	70% no ato 30% apón 3 meses	18 meses	3 parcelas iguais: 18 - 12º mês 29 - 15º mês 34 - 18º mês, após assinat. nota de crédito	juros de 3% a.a.	Beneficiários: viveiristas prefeituras cooperativas sindicatos escolas
Flantio de 200 milhões de cafeeiros	600.000	cova	3,00	até 31/05/73	Cr\$0,30 04 a 06/72 Cr\$0,80 07/72 Cr\$0,70 01 a 04/73 Cr\$1,80 60% Cr\$0,225 08/73 Cr\$0,225 01/74 Cr\$0,45 15% Cr\$0,375 08/74 Cr\$0,375 01/75 Cr\$0,775 25%	6 anos	20% no 49 ano 30% no 59 ano 50% no 69 ano	juros semestrais nos 3 anos	Espaçamento básico, com ? mudas por cova: 4,0 x 2,5 M.Novo 4,0 x 2,5 B.Amarelo 3,5 x 2,0 Catuaí
Recepa de 20 milhões de covas	6.000	cova	0,30	até 31/12/72	50% no ato 50% após comprov <u>a</u> ção	2 anos	após colheita sa- fra 1973/74	juros semestrais 3∜ a.a.	
Pertilizantes e corret <u>i</u> vos para 800 milhões de pés	360.000	ha	450,00 limite 500,00	até 31/05/73	contra recibo	2 anos	após colheita sa- fra 1973/74	7\$ a.a.	Lavoura com produção média de 20 sacos de 40kg nas 2 últimas safras
Defensivos contra Ferru gem e Broca para 400 milhões de pes	41.500	ha	350,00 (ferrugem) 56,00 (broca)		contra recibo	2 anos	após colheita sa- fra 1973/74	sem juros	Compromisso de eliminar cafezal abandonado
Equipamento para defesa fitossanitária 	40.000	-	-	até 31/05/73	contra recibo	4 anos	4 parcelas iguais 18 - 19 ano 28 - 29 ano 38 - 39 ano 48 - 49 ano	sem juros -	Beneficiarios: cafeicultores e cooperativas Itens: polvilhadeiras pulverizadores atomizadores micro-tratores

Ponte: Ministério da Indústria e Comércio IBC-GERCA.

7.1.3 - Tributos pagos pela agricultura paulista

A diversidade de tipos e de modalidades de aplicação dos tributos torna a política fiscal um instrumento de atuação polivalente sobre a economia do setor agrícola. Quando racionalmente dirigida, ela pode atuar de forma a conduzir a aplicação dos recursos produtivos consentaneamente com as diretrizes de política global.

Assim é que, tributos como o Imposto Territorial Rural, Imposto de Renda e Contribuição Sindical foram dirigidos de modo a incentivar os agricultores ao uso de técnicas que pudessem conduzi-los à obtenção de aumentos na produtividade de suas explorações. Paralela mente, o Governo dispensou especial atenção à Previdência Social Rural que vem, aos poucos, proporcionando uma melnoria no nível de vida do homem do campo, no que concerne à assistência médico-nospitalar. E, finalmente, constituindo mais um incentivo ao setor, tem-se a isenção do Imposto de Circulação de mercadorias para as primeiras saídas e para as exportações de produtos primários.

Com essas medidas, o Governo vem procurando obter, em tro - ca da concessão de estímulos fiscais, um acrescimo na produção por unidade de área, de trabalno e de capital.

Para a confecção do quadro 7.2 foi consultada a seguinte 1egislação:

ICM: Decreto nº 47.763, de 17/2/67 e legislações posteriores;

ITR: Lei nº 4.504, de 30/11/64 e legislações posteriores,

Contribuição Sindical: valores coletados junto ao INCRA, conforme tabelas confeccionadas pelo Ministério da Agricultura,

Imposto de Renda: Decreto n^{Q} 58.400, de 10/5/66 e legislações poste - riores.

FUNRURAL: Lei Complementar nº 11, de 25/5/71 e legislações posterio - res.

Contribuição ao INCRA: Lei nº 2.613, de 23/9/55 e legislações poste - riores.

QUADRO 7.2. - Tributos Pagos pela Agricultura Paulista, Março, 1972

Cributo	Aliquota e Forma de Recolhimento	Devedor	Recolhedor	Local	Data
(mposto Perritorial Rural	0,2% do valor da terra mua, multiplicado por fatores de progressividade e regressividade variáveis com a forma de utilização da terra. O INCRA envía as guias de reco-lhimento devidamente preenchidas aos bancos credencia - dos e estes fazem a cobrança	o proprietário de imóvel ural com área superior a 1 módulo	o proprietário de imôvel rural com área superior a 1 môdulo	rede bancária credenciada	julho a dezembro de cada ano
CNA ontribuição indical	de Cr\$ 7,49 a Cr\$ 13.235,00, dependendo do valor das ter- ras. Estes valores são para contribuições devidas no a- no de 1971. E recolhida juntamente com o ITR mediante guias devidamente preenchidas pelo INCRA	empregadores e proprietários de áreas superiores a 1 módulo	empregadores a proprietários de á- reas superiores à 1 môdulo	rede bancâria credenciada	julho a dezembro de cada ano
CONTAG	Cr\$ 6.24 . A cu N coforme a região onde se localiza a cr\$ 5.92 . N propriedade, conforme o nº de môdu - los (N) e o nº de assalariados (À) estes valores são para contribuições devidas em 1971. È também recolhida juntamente com o ITK mediante guias de vidamente preenchidas pelo INCRA	assalariados e proprietários de áreas inferiores ou iguais a 1 módulo	proprintários de áreas inferiores ou iguais a l πόdui.	rede bancâria credenciada	julho a dezembro de cada ano
ontribuição o INCRA	l% do salário minimo regional anual por cada módulo a - tribuido ao imóvel. Também recolhida juntamente com o ITR mediante guías devidamente preenchidas pelo INCRA	proprietários de áreas superi <u>o</u> res a 1 módulo, não classific <u>a</u> das como empresas rurais	proprietários de áreas superiores a 1 môdulo, não classificadas como empresas rurais	redo bancâria credenciada	julho a dezembro de cada ano
JNRURAL	2% do valor commercial da produção rural. E recolhido me diante guia preenchida pulo próprio contribuinte	o produtor rural	o adquirente ou consignatărio, ou o proprio produtor quando êle mes- mo industrializar seus produtos ou vendê-los diretamente no varejo	rode bancâria credenciada	até o último día do mês subseque <u>n</u> to ao da venda
	2,6% da folha de pagamento. Também a guia é preenchida pelo próprio contribuinte	o setor agrārio da agroindús — tria	a agroindústria	rede bancâria credenciada	recolhido mensa <u>l</u> mente
mposto de irculação de ercadorias	16% para operações internas e 14% para interestaduais e exportações. E deduzido do imposto a pagar, aquele pago na operação anterior. O recolhimento é feito mediante guias preenchidas pelo contribuinte, conforme modelos a provados pela Secretaria da Faz-nda. Os produtores são obrigados a emitir "nota de produtor" nas saídas de mer cadorias para destinatários localizados no estado, e a "nota fiscal avulsa" nas saídas para fora do estado	o produtor de café e os comer- ciantes atacadistas e varejis- tas	o produtor de cafh e os comercian- tes atacadistas e varejistas	coletorias e <u>s</u> taduais	do 9 a 15 de ca- da mªs subseque <u>n</u> te ao da venda
mposto Öbrc a enda	variáveis de acordo com o rendimento e com os investimentos realizados que permitem uma redução de até 80% do rendimento líquido. Do resultado obtido, somente 50% se rá considerado como rendimento líquido tributável. De qualquer forma, o máximo rendimento líquido será igual a 5% da renda bruta. O recolhimento é feito mediante o preenchimento da cédula "O" pelas formas: "estimada" para receita bruta até 600 vezes o maior salário mínimo vigente no país em 31 de dezembro do anorbase; "escritural" - para receita bruta anual entre 600 e 6.000 vezes o maior salário mínimo vigente no país em 31 de dezembro do ano base; "contábil" - receita bruta anual acima de 6.000 vezes o maior salário mínimo vigente no país em 31 de dezembro do ano base; "contábil" - receita bruta anual acima de 6.000 vezes o maior salário mínimo vigente no país em 31 de dezembro do ano base	aqueles que auferirem rendimentos anuais, oriundos da exploração agropecuária e extrativa, acima de C\$ 12.000,00 (bruto)	aqueles que auforirem rendimentos anuais, oriundos da exploração a- gropecuária e extrativa, acima de cd 12.000,00 (bruto)	rode bancâria credenciada	ath 30 de abril de cada ano
mpostos unicipais	variáveis de acordo com o fato gerador e de acordo com o município	o proprietário de imóvel rural	o proprietário de imôvel rural	variável	variāvel

7.2- Preços Minimos para 1972/73

A Comissão de Financiamento da Produção (CFP) do Ministério da Agricultura divulgou os preços mínimos a vigorarem em 1972/73 e já aprovados pelo Conselho Monetario Nacional. Não foram fixados ainda pela CFP os preços de arroz e feijão para S.Paulo.

Os preços mínimos apresentados no quadro 7.3 correspondem aos montantes liquidos a serem efetivamente recebidos pelos agricultores, desde que entreguem seu produto nas cidades que possuam agencia do Banco do Brasil. Apenas deverão correr por conta do produtor as despesas relativas ao carreto até um dos armazens indicados pelo Banco do Brasil e a sacaria, quando se tratar de produto cuja comercialização seja assim efetuada. A garantia de preços mínimos poderá ser realizada de dois modos: a) pela venda imediata do produto à CFP, atraves das agencias do Banco do Brasil; b) por emprestimos com garantia federal junto ao Banco do Brasil.

QUADRO 7.3. - Preços Mínimos já Aprovados para a Safra 1972/73

Produto	Unidade	Preços mínimos aprovados em 1971/72 - média das regiões(A) Cr\$	Preços mínimos aprovados para 1972/73 (B) Cr\$	Acrescimo relativo (B/A)
			CIĄ	
Algodão em caroço	©	15,00	17,10 ~	14,00
Amendoim em casca	s c25kg	13,00	17,00 /	30,76
Arroz em casca				
- grãos longos	sc50kg	22,79	30,00(1)	• • •
Feijło			,	
- preto .	:c60kg	46,33	49,20(²) 52,80	• • •
- de cores (Paranã)	sc60kg	41,19	52,80	• • •
Milho	scó0kg	13,57	18,00	32,64
Mam on a	sc60kg	22,22	37,80	70,12
Soj a	sc60kg	24,50	30,00	22,45
Sorgo	sc60kg	10,82	14,40	33,09
Girassol	sc40kg	12,88	19,20	49,07
Farinha de mandioca	sc50kg	12,81	23,50 🖊	83,45
Fécula de mandioca	sc50kg	~	37,80	_

⁽¹⁾ Media dos estados de Goiás e Rio Grande do Sul; esses dois estados serão contemplados com estímulo de Cr\$ 33,00/sc50kg para o arroz de grão extra-longo.

⁽²⁾ Media do estado do Parana; o feijão uberabinha tera estimulo especial: Cr\$ 57,00/sc60kg nos estados de Goias e Minas Gerais.

CORPO TÉCNICO DO I.E.A.

DIRETORIA GERAL: Paulo Fernando Cidade de Araujo ASSESSORIA DE PROGRAMAÇÃO: Evaristo Marzabal Neves

ASSESSORIA ESPECIALIZADA: Caio T. Yamaguishi

Gerald Saylor

COMUNICAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA: Paulo David Criscuolo

Devancyr A. Romão

COMERCIALIZAÇÃO:

Persio C. Junqueira (Diretor)

Claus F. T. Freitas

Ewerton R. de Lins

Domingos Desgualdo Netto

Natanael Miranda dos Anjos

Maria Lúcia Buff D'Apice

Flavio Condé de Carvalho

Irene Goldenberg

Maria Celina M. Padovani

Marilena M. Igreja

Wilson L. do Canto

ECONOMIA DA PRODUÇÃO:

Paul Frans Bemelmans (Diretor)

Minoru Matsunaga

Nelson B. Martin

Hermando F. de Noronha

Alfredo A. Bessa Junior

Laerte P. Rodrigues

Luiz Carlos Assef

Fernando A.A. Sever

Yoshihiko Sugai (1)

José R.V. Camargo (1)

POLÍTICA E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA:

Antonio Ambrosio Amaro (Diretor)

Ismar F. Pereira

José A. Martins

Arciley Alves Pinheiro

Paulo A. Wiesel

Luiz Moricochi

Yoshio Namekata

Luiz F. B. Cancegliero

Sebastiao Nogueira Junior

José C. M. Alarcon

Anna Perina R. Arruda

Ana Elisa B. Garcia

Gabriel L. S. Peixoto da Silva

Rita de Cassia M. Vollet

Fernando Bento Homem de Mello (1)

LEVANTAMENTOS E ANÁLISES ESTATÍSTICAS:

Salomão Schattan (Diretor)

Luiz Henrique de Oliveira Piva

Paulo T. Morimoto

M.J. Martins Falcão

Julio Humberto G. Ossio

Nelson K. Toyama

Milton N. de Camargo

Wagner J. de Barros

Jose Diniz de Araujo

Paulo V. Sendin

Jose F. Coluço

José F. de Noronha (1)

Rosa Maria C. Pescarin (1)

Maristela S. do Carmo (1)

BIBLIOTECA: Helena Souza e Silva de Oliveira Maria Luiza Alexandre Peão Claudia Maria Diniz Spinelli

Gabriela Menni Edneuza Souza Póvoa

(1) Realizando programa de pos-graduação em economia agricola.

- Os tecnicos Alberto Veiga, Antonio Augusto Botelho Junqueira, Antonio Dincer Piteri, Constan tino Carneiro Fraga, Fernando Sebastião Gomes Junior, João Rocha Lopes, Jorge Demetrio Issa, Luiz Sergio de Paiva Pereira, Maria Thereza Botelho Padin, Mauro de Souza Barros, Milton Alberto Moyses, Oscar J. T. Ettori, Paschoal Rafael, Paulo Isnard Ribeiro de Almeida, Ramon Moreira Garcia, Roberto de Mello Alvarenga, Rubens Araujo Dias e Sergio Gomes Vassimon prestam colaboração à outros orgãos da Secretaria ou instituições. Estão licenciados do Institu to os seguintes técnicos: Bruno Marcus Rangel Pessanha, Luiz Matteu Pellegrini e Maria de Lour des do Canto Arruda.